



MILITIA

N.º 69 ANO X - MAIO/JUNHO 1957

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	90
EDITORIAL	4
DIVERSOS	
Brasil Despoliciado por Excesso de Policias — Major Orlando Xavier Pombo	6
Discos Voadores — Major Av. Fernando Durval Lacerda	14
Análise Espectral — Prof. Hans Peter Heilmann	21
Ações Meritórias — Capitão Monte Serrat F.º	24
Introdução de uma Série de Artigos Sobre Heráldica — Al. Of. Hélio A. A. Dutra de Azevedo	28
O Esquizofrênico — Major Olímpio O. Pimentel	33
A Psicotécnica na Força Pública	36
Agora, Eu Canto — Cap. Plínio D. Monteiro	42
Picadas por Animais Venenosos — Dr. Plirts Nebó	44
Sugestão Para o "Caso" das Guianas — Prof. Paulo Henrique	48
Por Meu Filho (versos) — José Paulino Bianconi	51
Consultas Jurídicas — Monte Serrat F.º e Ten. Hildebrando Chagas ..	57
NOTICIÁRIO	
Festividades na Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Força Pública	52
Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Maranhão	55
O Clube dos Oficiais no IV Congresso Nacional dos Municípios e na Polícia Militar do Estado do Rio	59
Visitou-nos o Amigo Coronel Alves Mata	64
Casa do Sargento de São Paulo	66
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Bahia	68
Distrito Federal	69
Minas Gerais	70
Pará	72
Pernambuco e Rio de Janeiro	75
Rio Grande do Sul	77
Santa Catarina	79
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Temporada abril-maio. (Hipismo) — Cap. Plínio D. Monteiro	80
Temporada Campineira. (Hipismo)	82
No Parque da Água Branca. (Hipismo)	83
Brilha o Brasil na Bélgica. (Hipismo)	84
Provas "Irmãos Del Guerra" e "Dr. Osvaldo Silva" — (Tiro ao Alvo) ..	85
RECREAÇÃO	
Palavras Cruzadas	90



GM

A GM na vida brasileira
BOM SERVIÇO EM QUALQUER PARTE DO PAÍS

Espalhados por todo o Brasil, encontram-se 331 concessionários GM, operando com 447 franquias. Estes concessionários possuem elementos treinados em São Paulo, na Escola Técnica da General Motors — homens extremamente familiarizados com os veículos, motores, peças e acessórios... todos os produtos GM. Esta rede de concessionários, pelos serviços que presta, é a garantia de uma assistência técnica perfeita, executada por pessoal experiente — em qualquer Estado, em cidades pequenas ou em grandes centros.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO

É inegável que o incomodativo estado de coisas destes dias se nos apresenta, tão somente, como uma nova edição do que já há muito vimos presenciando na panoramização complexa das atividades policiais de São Paulo. Nada de novo existe, absolutamente, nem de mais interessante. O quadro é o mesmo, mesmas são as personagens. Daí, por certo, não sabermos como a seu respeito possam ser feitas outras apreciações por mais ligeiras, outros comentários por mais superficiais, outras críticas por mais displicentes. Seria repetir, redundar, sobejar, seria destruir pela saturação.

Que se há de dizer, em consciência, depois de tudo quanto já dissemos, e escrevemos, e encaminhamos, com lealdade de propósitos, à apreciação das autoridades competentes? Como abordar a questão, hoje, se a analisamos ontem com carinho e sinceridade, e nem ao menos fomos chamados a discutí-la em instantes próprios? Por que, enfim, outros e novos estudos, se os mais importantes aspectos do PROBLEMA já nos mereceram apreciações longas e sérias, judiciosas e honestas? Não. Evidentemente não devemos tornar à matéria nestes dias. É de bom alvitre aguardar os acontecimentos que hão de vir, inexoravelmente. Então, sem dúvida, estaremos a postos para, mais uma vez, dizermos a São Paulo da nossa capacidade de ação e do nosso desprendimento no cumprimento integral do dever.

Só nos cabe informar, pois, que a convite do Governo paulista se encontram em nosso Estado dois renominados policiais ianques para, após observarem o que existe e o que fazemos, dizerem o rumo salvador que à Polícia cumpre seguir. Trata-se, não há negar, de iniciativa digna de encômios, já que não se negam capacidade de trabalho e experiência profissional aos técnicos que nos visitam. De outra forma, não há esquecer a imparcialidade com que examinarão os vários ângulos do PROBLEMA seríssimo.

Ótimo. Absolutamente certo. Aguardemos o relatório. Não importa que não coincida com os nossos pontos de vista. E se assim fôr, daremos a mão à palmatória, sem rebuços, já que não nos acanha mostrar à saciedade como indestrutíveis são os princípios idealísticos que nortearam nossa luta.

Sim. Estamos a aguardar o relatório — enquanto aflitos outros se encontram — com a paz na alma e tranqüilidade na consciência.

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGENCIAS NO ESTADO DE SAO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeropôrto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olimpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuf	

AGENCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderço telegráfico: BANESPA

BRASIL DESPOLICIADO

POR EXCESSO DE POLÍCIAS

(CARTA ABERTA AOS HOMENS DE MINHA TERRA)

Major Orlando Xavier Pombo

— Polícia Militar do Paraná —

— CONCLUSÃO —

Mas é contra isso, contra o emprêgo dessas Corporações na Zona de Combate de um Teatro de Operações é que levanto a minha voz. Levanto-a porque, em caso de guerra externa ou civil, o lugar das Polícias Militares, mesmo dentro do Teatro de Operações, é na Zona de Interior.

Elas são as responsáveis pela salvaguarda do povo, dos seus bens, do patrimônio público. São as incansáveis organizações de combate aos sabotadores, aos espiões, aos quinta-colunas de todos os matizes.

Já em duas "DIRETRIZES". (publicação feita sob o patrocínio do Ministério da Justiça e Negócios Interiores), o então Coronel Niso de Vianna Montezuma, afirmava com veemência e segurança:

— "Na eventualidade de uma guerra, a ZONA DO INTERIOR precisa estar convenientemente policiada, isto é, honesta, diligente e inteligentemente policiada no tocante aos crimes contra a economia popular; contra a espionagem, a sabotagem e o quintacolonismo e preparada para suportar as vicissitudes de uma campanha com o moral capaz não só de resistir, mas de reagir contra a intriga lançada por agentes especializados, por traidores venais, derrotistas que desmoralizam, confundem, criam desânimos e revoluções, enfraquecem; — no quadro da guerra moderna, quando a RETAGUARDA assume importância crescente, temeridade seria entregá-la à guarda de policiais improvisados e, com ela, o patrimônio moral e espiritual da Nação e o que mais sagrado nela deixam aqueles que partem para tomar contacto com o INIMIGO OSTENSIVO;

— em uma tal eventualidade, à Polícia Militar deverá caber a nobre missão de guardar êsse patrimônio, mantendo a FRENTE INTERNA, tomando parte na LUTA CLANDESTINA, “cuja aplicação organizada por todos os beligerantes constituiu uma normalidade peculiar ao último conflito”;

— em uma tal eventualidade, a Polícia Militar deverá ter atribuições específicas, previstas na ZONA DO INTERIOR, atribuições que lhe trarão aumento e variedade de obrigações que exigem ampliação em seus efetivos e enquadramento de elementos que, para êsse fim, forem mobilizados;

— em conseqüência, as exigências do armamento, da organização e da instrução para bem atender à finalidade policial já não mais permitem pensar em empregar os milicianos, em situação normal, ou na eventualidade de uma guerra, nas mesmas condições em que serão empregados os batalhões de infantaria e os esquadrões de cavalaria do Exército;

— em vez de se procurar, até, forçar semelhanças destas Corporações com o Exército, há necessidade de discernir que se trata de instituições de finalidades cada vez mais diferentes e, em conseqüência, distinguir o que convém a uma e não serve à outra”.

Êsse o pensamento de uma das mais fulgurantes inteligências que passaram pelo Comando Geral da Polícia Militar do Distrito Federal. O pensamento do então Coronel Niso V. Montezuma, foi se concretizando em realidade, pouco a pouco, mais progressivamente e graças a isto e à continuação da obra pelos seus nobres sucessores, a população do Distrito Federal vem tendo, dia a dia, o policiamento condizente com sua qualidade de habitantes de uma das maiores metrópoles da América do Sul.

As Polícias Militares nada perderão de sua grandeza e de sua honra tão duramente conquistadas e tão avaramente resguardadas — orientando o futuro para a missão que lhes é inerente, zelando com carinho da missão policial e deixando o mister guerreiro, o treinamento intensivo para combate nas linhas de frente, ao Exército Nacional, criado especificamente para êsse fim.

E’ tão nobre a missão policial que não compreendo o porquê relegá-la a plano secundário.

E’ sobre a eficiência do Organismo Policial que repousa a base da segurança da Nação. A sensação de segurança da Pátria é uma decorrência da segurança da Família, do sossego do lar, da confiança dispensada pelo indivíduo aos encarregados de manter a ordem e a paz no seio da coletividade.

Não fôsse a certeza da existência do mantenedor da ordem e os instintos de homem, recalcados pelos ditames da moral e em maior escala pelo imperativo da Lei, freqüentemente se extravasariam, criando situações de pânico no seio da sociedade e desmoroando pouco a pouco os alicerces do edifício nacional.

Sob o anonimato sublime da farda humilde e honrosa, o soldado de polícia traz no peito o escudo contra o qual se vêm chocar os ódios dos recalcados; a sanha inconsciente da massa amotinada e os desejos ilícitos da mais variegada gama de criminosos, de malfeitores, de desajustados, de doentes mentais. E é sôbre os seus hombros, que, em contraste, repousam as esperanças de paz, de ordem e de segurança do homem do trabalho, da família laboriosa, da coletividade honesta e progressista.

E enquanto o Exército Nacional se organiza para a eventualidade de uma guerra, zelando para manter a soberania da Nação, a Polícia Militar tem o DEVER de colaborar com elle — não ao seu lado, nas primeiras linhas de combate — mas na ZONA DO INTERIOR, tão perigosa e quiçá mais do que aquela, pois enquanto na primeira luta-se contra um inimigo conhecido, nesta última o combate é feito mais com a inteligência do que com as armas, contra um adversário oculto e desconhecido, capaz de destruir, hoje uma fábrica, amanhã uma ferrovia, logo após os pontos chaves e vias de comunicações e assim sucessivamente; dinamitando edifícios, sabotando a produção, fomentando greves e destruindo pontos vitais, lançando a confusão, o desassossêgo, o terror e, em consequência, quebrantando o moral do povo.

E' essa a missão da Polícia Militar na guerra. Resta saber o que elas devem fazer em tempo de paz.

As normas estão traçadas. A missão está definida pela Constituição Federal.

Como, porém, cumprir essa missão, se existem dezenas de instituições criadas para o mesmo fim?

Tenho como certo — e comigo pensa a nata das Polícias Militares do Brasil — que só teremos uma Polícia à altura das nossas necessidades quando um CORPO POLICIAL único absorver tôdas as organizações policiais e assemelhadas existentes em cada Estado ou Território.

Só quando tôdas elas tiverem um só Comando, dentro de cada Estado ou Território, um só uniforme, uma só instrução e uma só mentalidade profissional, estaremos trilhando caminho certo.

As Polícias Militares presentes ao Congresso de Campos do Jordão, iniciaram êsse movimento. Urge prosseguí-lo. Prosseguí-lo sem esmorecimentos.

De uma conferência proferida pelo Dr. Fernando Bastos Ribeiro, aos oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal, no ano de 1952, quando lá estive fazendo o C.A.O., impressionaram-me alguns aspectos abordados pelo ilustre conferencista, razão por que, "data veni", aqui os registro:

"E chegamos, senhores, ao ponto central do nosso tema, qual seja o de definir e descrever uma boa polícia ostensiva. Começemos por situá-la dentro do organismo do Estado. Ela é o ponto real e positivo de contato entre o povo e a justiça. Convenhamos que é uma função delicada, nobre, difícil, mas, para que negar, muitas vêzes incompreendida. Se os três primeiros adjetivos usados a enaltecem, necessário se faz um bom preparo profissional para exercê-la com eficiência. E só o último adjetivo como que a desmerece, o meio de reduzir essa antipatia é fazê-la limitada apenas àquela parte da sociedade, cujo conceito não possa pesar na opinião pública, isto é, daqueles que vivem à margem da Lei

Uma polícia ostensiva só encontra "habitat" favorável quando é apoiada por dois lados: de um, pela parte sã da sociedade que a prestigia, que nela confia, que a respeita por merecer ela o seu respeito, que não a teme porque vê nela uma proteção, por outro lado, pela Justiça que nela crê, que a vê como uma auxiliar sua, digna de fé, que lhe fiscaliza as atitudes e as aprova, pois a sente endossada pela opinião pública.

Havemos de convir que, desgraçadamente, ainda estamos bem longe dêsse escôpo. Ainda não tratamos de dar aos nossos policiais de rua preparo moral e material capazes de fazê-los aquele tipo de vigilante satisfatoriamente pago, côncio de seus deveres, disciplinado, respeitador e protetor, amigo natural do homem da rua, mas severo cumpridor dos seus deveres, que conhece e cumpre; o homem cuja presença, longe de incomodar tranquiliza e reconforta. Enfim, o portador de um armamento, que se sabe ser nunca de agressão, mas sempre de proteção ou quando muito de defesa.

E' um erro pensar-se que a boa polícia ostensiva é a numerosa. Ela é boa quando é selecionada, instruída e treinada. O exemplo do policial orienta o povo e o disciplina sem violência. A tendência das massas, no Brasil, não é de criar embaraços a alguém que elas sintam protegê-las, mas de repudiar aquilo que sente faccioso e sem moral.

O exemplo de polícia de rua, inglês e americano, o admirável polícia canadense e o holandês, não são exemplos impossíveis de imitar. O povo lhes dá pequenos nomes de amizade, o burguês, o operário o saudam pelo nome. Entretanto, vê-se em Oxford Street, em Londres, um simples "boobie", com um gesto interromper todo um tráfego para atravessar um velhinha ou para prender um bêbado, sem que surja alguém a perturbá-lo, a criticá-lo ou a gritar "não pode", e ter, toda uma província canadense, a sua segurança garantida por dois ou três guardas reais montados. Vê-se um "policeman" americano mandar encostar ao meio fio o carro de um milionário faltoso e conduzi-lo perante um juiz que multará sem que o ameacem ou o intimidem. Vê-se nas ruas de Roterdan todo o tráfego ficar suspenso para que atravesse a avenida, sem perigo, um grupo de colegiais. A cortesia e o bom humor dos guardas americanos fá-los procurados por turistas estrangeiros e a prestabilidade das grandes polícias mundiais torna-se um conforto e uma garantia".

"Num país como o nosso onde, praticamente, nenhuma organização policial é benquista, onde todos se julgam com direitos e privilégios, onde as imunidades se multiplicam, onde se considera uma humilhação ser advertido por um representante da Lei, só uma organização policial muito bem adestrada, muito bem educada, muito paciente, mas, muito cônica dos seus deveres, os pode enfrentar. Que, não há negar, também, seja uma das grandes falhas do nosso povo e uma das grandes fraquezas da nossa organização social, a falta de respeito generalizada ao principio da lei. Sempre que, entre nós, a lei contraria, há uma forte tendência ou a procurar ignorá-la ou a invocar uma imunidade, e isto acaba transformando a nossa sociedade em um verdadeiro arquipélago de pequenas potências sociais, sem unidade, sem auto-suficiência, sem uniformidade, e cada uma delas um pequeno monstro vaidoso e vulnerável".

E surge então uma pergunta: "— se para ser um simples polícia ostensivo, um simples polícia de rua, é necessário um físico selecionado e uma educação profissional aperfeiçoada, então essa polícia terá que ser constituída de uma verdadeira elite de material humano. Quanto pagará o govêrno a funcionários dessa espécie?

A resposta é lógica: Polícia é um serviço caro. Não pode haver bom polícia mal pago. E' evidente que a segunda afirmativa é uma consequência da primeira. Se se considerar o tipo de trabalho que, a um polícia digno dêsse nome, é atribuído, não há como deixar de reconhecer que, por prêmio e por proteção, deve ser um homem com salário compensador. Que a função policial traz

no seu bôjo o aspecto antipático de contrariar interesses e portanto é alvo natural de malquerenças e de reações. A malquerença se manifesta em oposições naturais e sutis à sua ação. As reações têm aspectos os mais variáveis e vão desde a queixa caluniosa, até a tentativa de suborno. Para que um policial se mantenha indene, em meio a êsse turbilhão, é necessário que o emprêgo lhe seja tão compensador, que êle evite, por todos os meios, perdê-lo, e para isso saiba cumprir o seu dever honestamente, dentro das normas legais. E para que não fique êle sujeito às tentações da corrupção, é necessário que veja na profissão que abraçou, possibilidades presentes e garantidas de futuro. Como esperar rigidez de tempera, como pretender policiais incorruptos, como pregar decência profissional a homens cujos salários mesquinhos os fazem trabalhar preocupados com problemas domésticos, com os filhos sem escola, com o alimento escasso, com a roupa insuficiente, com doença da espôsa, com moradia precária e distante, com o transporte à sua custa e sem hora certa para refeições e muitas vezes, SEM REFEIÇÕES PARA QUALQUER HORA.

Seria necessário fôsem êles quase semideuses para que, premidos por tôda espécie de agruras e de tormentos, se pudessem conservar invulneráveis e insensíveis”.

Todos êsses argumentos, todos êsses pontos foram com invejável felicidade abordados pelo ilustre Coronel Ticiano Leoni, da Brigada Militar Gaúcha, no seu brado dalma “O RUMO CERTO”, trabalho publicado em “Militia”, em junho de 1951.

E’ do Coronel Ticiano êste grito angustiado: “QUEREMOS SER MAIS ÚTEIS AO POVO QUE NOS PAGA. QUEREMOS NOS SEJA DEVOLVIDA A DIGNIDADE PELO TRABALHO”.

E justifica: “O policiamento no Brasil é precário, multiforme, empírico, imensamente desorganizado e não merece a confiança do povo. Somando tôdas as Polícias do Brasil — civis e militares — federais, estaduais, municipais e autárquicas, não erramos e ficamos muito aquêm quando afirmamos que somam mais de 100.000 homens, SEM NORTE COMUM, SEM RUMO CERTO e, no entanto, PAGOS PELO POVO PARA ATINGIR A MESMA META. Por quê? Não nos interessa agora o porquê. Constatamos o fato e desafiamos se encontre explicação racional para o mesmo”.

“Não agimos nós, no receio de interferir, à outra Polícia acontece o mesmo e assim ninguém age. Ninguém age, não, os desajustados, os criminosos agem à vontade e não querem outra vida.

O impatriotismo dos responsáveis por este estado de coisas não conhece limites: enquanto o inimigo, o mais temível, o mais determinado, o que deseja destruir as bases da sociedade, o que proclama a viabilidade de **TODOS OS MEIOS** desde que os fins sejam atingidos, está sólidamente organizado, obedecendo seguramente a um comando único, o que se traduz em ação uniforme, em todo o território nacional, a policia, que deve combater e prevenir, é esparsa e dispersa, sem ligação entre si, não tem missão comum, não tem nada".

Tôdas as classes já conseguiram, para sua eficiência, a unificação, para que tenham uma mesma orientação, para que trabalhem uniformemente, em prol de um objetivo comum, definindo deveres e em defesa de seus interesses.

Mas as Policias Militares quando se reúnem é porque tramam... e, não obstante todos os nossos esforços, só foram coroados de êxito os esforços dos outros: criam-se todos os dias outros organismos policiais, tornando cada vez mais irresponsáveis os que já existem e também os novos, aumentando a confusão".

Assim pensa o Coronel Ticiano, figura ímpar que pontilha no seio da oficialidade gaúcha.

O seu "**RUMO CERTO**" deveria estar na mão de cada miliciano do Brasil e merece ser estudado pelas autoridades que ainda desejam fazer alguma coisa de bem em favor da Pátria brasileira.

Não se veja na minha idéia o pensamento de **FEDERALIZAÇÃO**, Longe disto. O que almejo, o que prego e para o que dispenderei o meu modesto mas incansável esforço, é a **UNIFICAÇÃO DO SERVIÇO POLICIAL** em cada Estado ou Território.

O Ante-projeto da Lei Básica, nascido no Congresso de Campos do Jordão, é a minha bandeira de luta. Pela aprovação desse ante-projeto é que conclamo os milicianos do Brasil inteiro.

Nessa Lei Básica não pleiteamos sinecuras, mas apenas Trabalho. Nós pleiteamos a unificação do serviço para melhor garantia da ordem pública.

O mal não está no número maior ou menor de elementos encarregados da missão policial. O mal é a falta de harmonia no seu conjunto. É o malbarato de energias físicas e mentais; é o desgaste do próprio erário público sobre o qual vai pesando mais e mais o orçamento para tantas policia, que dão em troca, aos Estados, um dos péssimos serviços policiais do mundo.

Essa a verdade.

Policiais Militares do Brasil — SENTIDO!

Se o éco da minha voz não chegar até às autoridades, o éco das vozes dos milicianos do Brasil inteiro, por certo chegará.

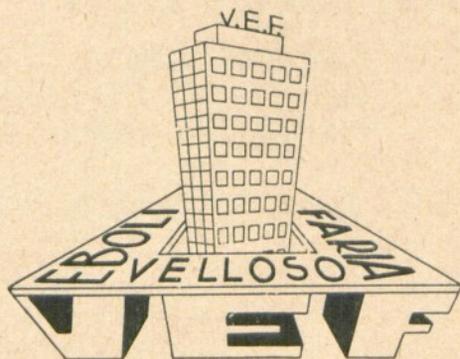
A DERROTA SÓ AOS FRACOS ABATE.

Avante Policiais-Militares do Brasil!

V. E. F.

ENGENHARIA E COMÉRCIO

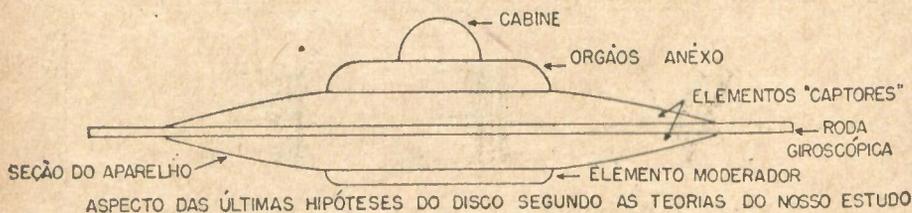
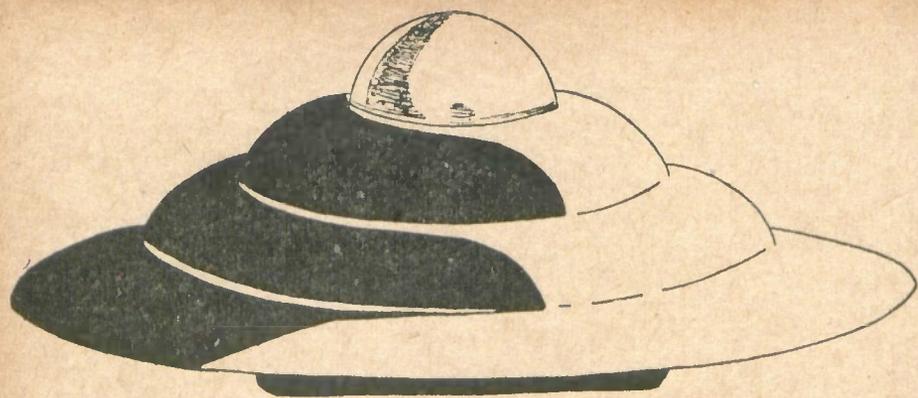
RUA SÃO CAETANO, 829 - FONE 9-4841 - SÃO PAULO



MATERIAIS ELÉTRICOS E HIDRÁULICOS - SANITÁRIOS COMPLETOS

SRS. OFICIAIS E PRAÇAS

- ||| Economizem na compra.
- ||| Paguem em condições especiais.
- ||| A V. E. F. oferece as melhores condições porque conhece os seus problemas - é a sua loja!



DISCOS VOADORES

COMO VOAM, DONDE VÊM — SEUS OBJETIVOS
TRIPULAÇÃO — PROPULSÃO — SILÊNCIO
RESISTÊNCIA TÉRMICA E PILOTAGEM

— Major Av. Fernando Durval Lacerda —

(I)

PUBLICAMOS hoje a primeira parte de um estudo sobre o sempre atual problema dos «discos voadores». Nossos dados foram condensados da revista «Forces Aériennes Françaises», de autoria do Ten. Plantier. Temos por finalidade focalizar à luz da aerodinâmica, a possibilidade do vôo dos referidos engenhos e tentaremos provar que o «disco» é forma ideal há muito procurada para as tão comentadas e hoje perfeitamente

realizáveis viagens interplanetárias. Nosso objetivo não é criar uma solução definitiva, mas somente os princípios de uma solução que submetemos aos leitores.

Gostaríamos muito de poder afirmar, antes de iniciar estas notas, que observamos um «disco», mas, infelizmente, não nos foi possível esta prova irrefutável, porém de qualquer maneira chegaram-nos às mãos relatórios de pilotos comerciais e mili-

lhor, avistaram os tão comentados engenhos, relatórios êstes que pelos seus assinantes, pessoas de responsabilidade, não deixam pairar nenhuma dúvida sôbre suas existências. tares, que tiveram contacto, ou me-

A Fôrça propulsora ideal para os engenhos

A propulsão por «Campo de Fôrças» será um grande marco na história de aviação e assinalará o término do aperfeiçoamento da técnica dos «deslocamentos em grandes velocidades». A aviação não terá, mais barreiras ao seu progresso e avanço. A energia necessária a esta propulsão deverá ser uma energia cósmica onipotente, artificial ou natural. Para que haja reação é necessária a captação ou absorção dessa energia do espaço e se possa transformá-la em energia de outra natureza. Após sua captação e transformação é fácil imaginar que haverá propulsão. Senão vejamos: o torniquete fotométrico, já conhecido, apresenta um princípio de propulsão semelhante ao que se propõe dar aos «engenhos». As côres brancas e pretas das palhetas, quando submetidas a uma fonte luminosa, provocam uma diferença de potencial de energia que no caso é a energia luminosa, ficando assim as palhetas submetidas à uma fôrça que determina a rotação do torniquete sem que nenhuma outra fôrça possa ser definida. Transforma-se assim energia luminosa em energia mecânica. Suponhamos agora, que dispomos de uma energia ambiente muito mais forte do que a luz, e que temos um instrumento para captá-la, análogo ao torniquete; assim, podemos deduzir que

haverá propulsão. Em primeira hipótese, poderíamos criar esta energia artificialmente, como estações de rádio, enviando raios no espaço, para as viagens interplanetárias; mas verificamos com surpresa que a natureza nos fornece esta energia dia e noite ininterrupta e gratuitamente.

Uma incomensurável fonte de energia ainda desconhecida

Sabemos que essa fabulosa fonte de energia cósmica existe. O descobrimento dos raios cósmicos não é tão antigo e ainda não foram esgotadas tôdas as surpresas que a natureza nos reserva neste setor. E' quase certo que vários mistérios da ciência moderna ficarão explicados com a ajuda da energia cósmica. Compreenderíamos, então, a atração Newtoniana e várias características corpusculares (agitação, indeterminação, indicerabilidade, etc.). A própria existência de radiação cósmica corrobora esta hipótese. Sabe-se que as partículas cósmicas apresentam condensações de energia que alcançam à enorme cifra de 10,16 volts, ou sejam, cêrca de 100.000 vêzes a energia que poderia dar a «sublimação» completa e irrealizável do núcleo do urânio. Supõe-se também que ainda existam partículas muito mais potentes que atravessam as camadas de «Wilson», segundo trajetórias retilíneas, que ainda não permitiram sua análise energética e muito menos sua análise qualitativa. Na atmosfera terrestre estas partículas caem como uma espécie de chuva não muito densa, pelo menos em seus aspectos experimentalmente reparáveis, como seja um corpúsculo por

2 cm, por minuto, ao nível do mar. Elas não têm também uma energia-base fabulosa. Seriam necessários ciclotrons gigantescos para bater os corpúsculos animados com tais energias. Nota-se que nenhuma força foi ainda descoberta no espaço que possa explicar estas misteriosas condensações de potência. Portanto, não parece lógico admitir este postulado de energia cósmica natural, preferência, a uma energia artificial? Existe então um instrumento ideal, que possa captar e transformar esta energia propulsora? Supunha-se que esta etapa bastante teórica e incompleta, tão cedo não poderia passar a um campo prático, mas quando se começou a falar no aparecimento dos «discos voadores», e feitas descrições destes fenômenos, verificou-se com espanto que algumas características dos «discos» tinham fundamento nas teorias dos raios cósmicos. Todas as pretendidas extravagâncias que denunciam os adversários dos «discos», na realidade poderão ser consequência natural da propulsão que lhes atribuímos...

Mistérios das aparições

Podemos imaginar que o «engenheiro» utilize um procedimento de libertação da energia cósmica análoga ao que na natureza, criam a partir desta mesma energia as primeiras irradiações cósmicas. Tal como esta função «libertadora» confere aos corpúsculos cósmicos naturais assim engendrados uma velocidade, podemos dizer, uma energia-prodigiosa, o mesmo se daria no aparelho: a energia cósmica no curso desta libertação artificial irradiaria debaixo de uma forma de fluido «corpúsculo-ondulatório» através do instrumento, em um sentido bem definido, que é o da propulsão e a uma velocidade da ordem da luz. Este fluido imporia a cada núcleo atômico que se tenha feito receptivo, uma força dirigida, no sentido de descarga. Criaríamos, assim, o campo de forças propulsivo da nossa teoria. Ter-se-ia uma c'asse de ramalhete cósmico contínuo, que apresentaria alguma analogia com os ramalhetes cósmicos fotografados pelos sábios, mas de na-

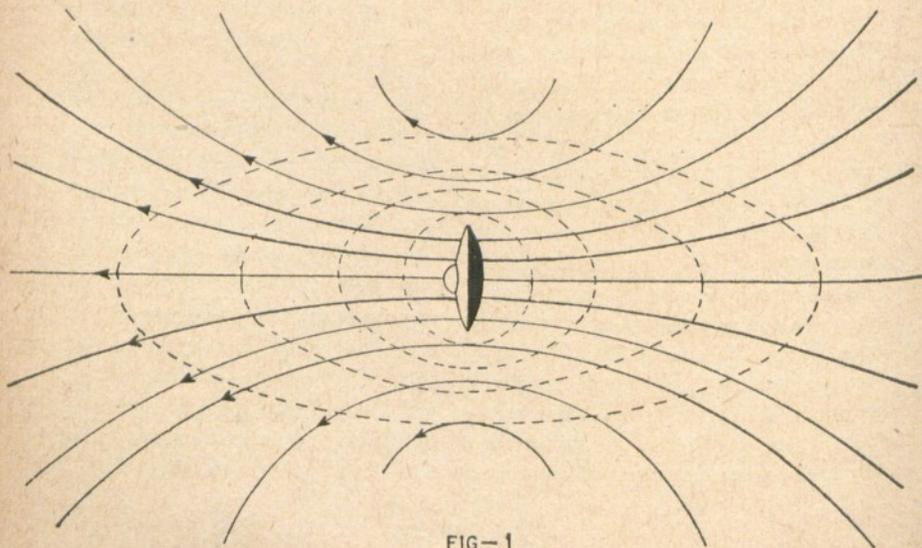
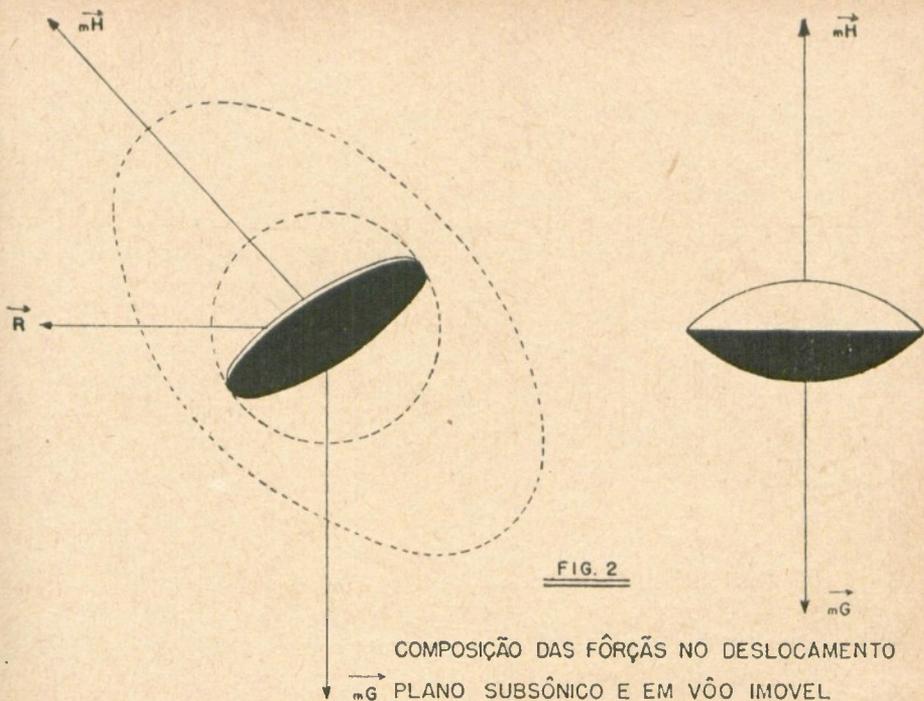


FIG-1

EXEMPLO DE LINHA DE FÔRÇAS E SUPERFÍCIES EQUIPOTENCIAIS EM UM DESLOCAMENTO AXIAL. (VELOCIDADE MUITO GRANDE)



tureza diferente, possivelmente por sua densidade e seu sentido de queda. Ademais, não se teria uma grande energia primária, mas uma captação direta da energia misteriosa causada pela radiação cósmica. Desencadeada pelo instrumento, o seguiria em sua carreira, o propulsionaria e o sustentaria à maneira dos jatos d'água por baixo de bolas de «ping-pong», como vemos nos «stands» de tiro dos parques de diversões. Admite-se por outra parte, sem ajuda desta última hipótese, que a intensidade do campo de forças decresça sem descontinuidade à medida que se a alija do instrumento, isto devido ao debilitamento progressivo do poder de liberação da energia e à receptividade comunicada aos átomos. Pode-se, continuando, prever razoavelmente que as superfícies de igual intensidade seriam esféricas ou elipsoidais e centradas sobre o instrumento. Tiremos o no-

me de superfícies equidinâmicas e chamaremos linhas de força aos eixos dos halos fluídos, apesar de que nada prova que a força seja constante ao largo dos halos, supondo simplesmente que seja tangente em cada ponto.

Os centros atômicos do ar ambiente experimentariam tanto como os do instrumento, a influência do campo criado. A resistência da atmosfera ajudaria a produzir, por seu lado, uma circulação aerodinâmica, cuja velocidade, digamos, o vento relativo, decresceria de uma maneira diferente, chegando a ser mais fraco na vizinhança da parede. Seria assim criada uma capa-limite **superespessa** (exatamente a inversa do que se trata de obter na aerodinâmica clássica), cuja grande utilidade verificaremos adiante. O engenho se propulsaria por deslizamento à baixa velocidade no sentido da resul-

tante vectorial como mostra a fig. n.º 2. Teríamos $R = mG + mH$. As grandes velocidades, sendo « mG » fraca em relação a « mH », teríamos um deslizamento axial. A vantagem principal do sistema seria natural-

O silêncio dos vãos

Segundo todos testemunhos, as aparições dos «discos voadores» se produzem num silêncio absoluto. Sabe-se que todo objeto que desliza

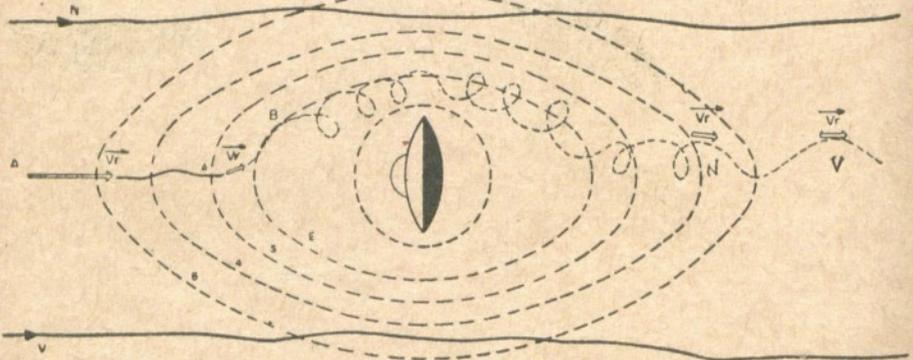


FIG - 3

mente, que tendo sempre a onipresença da energia cósmica, o problema do reabastecimento desapareceria. E quanto à velocidade, o instrumento tenderia no vácuo quase absoluto dos espaços interplanetários a adquiri-la do fluido que atravessa o mesmo, que seria provavelmente cêrca da velocidade da luz, à qual se julga uma das mais rápidas partículas cósmicas.

A seguir trataremos das velocidades relativamente lentas, menos de 6.000 km/h na atmosfera média e de 30.000 km/h nas grandes altitudes, porque as explicações dadas ao silêncio e à resistência térmica do engenho, talvez não seriam válidas diante de certas velocidades nas altitudes consideradas. Ademais, estas cifras correspondem aproximadamente às máximas dadas por observadores dos discos.

no ar suporta pressões aerodinâmicas e deixa atrás de si uma zona de depressão mais ou menos turbulenta. Em velocidade muito grande o vôo deveria produzir um ruído assaz estridente na zona de depressão, invadida brutalmente pelo ar a ritmos descontínuos e seria um lugar de sons, análogos aos que se ouvem quando um avião a jato penetra na «Muralha do Som». A fig. n.º 3 dá uma explicação desta aparente contradição e prova a ausência de ruídos. Consideraremos uma molécula de ar «A» no seu caso mais desfavorável, isto é, à frente do instrumento e no seu eixo de deslocamento. O aparelho desloca numa velocidade supersônica, por exemplo a 5.000 km/h. A velocidade relativa é portanto de 5.000 km/h. Mas de «A» a «B», ela decresce gradativamente à medida que a molécula vai en-

contrando superfícies equidinâmicas, onde tem uma intensidade cada vez mais forte e sem dúvida produzirá uma compressão adiabática na frente e lateralmente do deslocamento por causa da variação de VR em função do alijamento do eixo, mas não haverá nenhum choque supersônico com algum obstáculo e portanto qualquer ruído. Nas posições «N» e «V» ficará a velocidade subsônica e relativamente fraca, sem possibilidade de ruídos. Depois de «B» a molécula contorna a massa englobada para a superfície n.º 1, correspondente a uma intensidade mais forte e só ocasionalmente, põe turbulência, entra em contacto com a parede do

A resistência térmica

O enorme calor engendrado pela passagem do ar nas altas velocidades consideradas, deveria volatizar, não importa qual, todos os corpos puros conhecidos do nosso universo e suas ligas. Mas, isto não sucede com os discos que atravessam a toda a velocidade as camadas médias da atmosfera sem que sejam, ao que parece, incomodados em absoluto. Esta resistência anormal ao calor desprendido poderia ser explicada pela ausência quase total de vento relativo na «vizinhança» da parede do aparelho. Pensa-se na calefação provável devido aos fortes deslizamentos e da turbulência das capas de

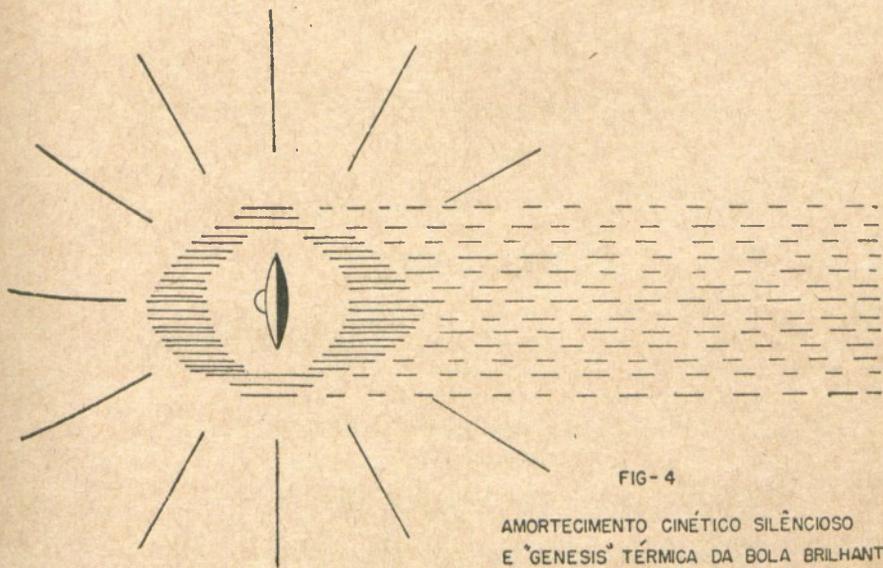


FIG-4

AMORTECIMENTO CINÉTICO SILÊNCIOSO
E 'GENESIS' TÉRMICA DA BOLA BRILHANTE

instrumento. Logo se perde na coluna do ar que se segue o instrumento, detendo-se gradualmente pelas mesmas razões. Em nenhum instante aparece a possibilidade de qualquer ruído.

velocidades relativas diferentes. Ignora-se a natureza exata do campo e não se pode dizer «a priori» qual será a importância desta calefação. Consideremos o caso mais desfavorável, a molécula fortemente aquecida

em «A» (Fig. 3). Como referimos anteriormente, ela não pode ter mais contactos ocasionais com o instrumento. Com efeito, para isto teria por turbulência, franquear a zona de forte intensidade que provoca a formação de capa-limite super-espessa. Assim sendo, a molécula só pode ter breves contactos com a parede. A capacidade calorífica do ar é fraca com relação à desta parede, e ajudada pela capacidade da enorme capa-limite, transcorre certo tempo antes que as flâmulas do ar possam esquentar o aparelho. Assim é possível voar à velocidade normalmente incompatível com a resistência térmica dos metais conhecidos, durante um tempo proporcional à magnitude do instrumento e inversamente proporcional à sua velocidade a uma al-

titude considerada. Este tempo será talvez, muito curto, mas sendo as velocidades dos aparelhos de muitos milhares de quilômetros por hora, não é necessário voar muito tempo para percorrer grandes distâncias e alcançar a alta atmosfera, na qual não se tem mais esse problema.

Ademais, vimos o caso mais desfavorável, porque é pouco provável que o aquecimento seja forte pelo menos até 5.000 ou 6.000 km/h. Assim os aparelhos poderiam diminuir sua velocidade ao entrar na atmosfera, trazendo em consequência a queda do aquecimento.

(Revista do Clube Militar n.º 144 — Ano XXX).

(Continua)

Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

ANÁLISE ESPECTRAL, MARAVILHA DA CIÊNCIA MODERNA

PROF. HANS PETER HEILMANN

— COLÉGIO ESTADUAL DE CAPIVARI —

Quem folheia um tratado de Astronomia, tem oportunidade de ler que entre os elementos que constituem o sol, predominam o hidrogênio e o hélio. E o leitor possivelmente é tomado de dúvida, e pergunta aos seus botões: Mas... como é que eles sabem? Quem é que foi lá para ver? Na verdade, por incrível que pareça, conhecemos com exatidão não só a constituição química do sol, mas também a de inúmeras estrêlas que se encontram a bilhões de quilômetros de distância de nós, ou para usar a linguagem dos astrônomos, a milhões de anos luz. (Lembramos que o ano-luz é uma unidade astronômica de comprimento, e corresponde à distância que a luz percorre no vácuo de um ano; como a luz percorre 300.000 km por segundo, a ano luz terá $300.00 \times 60 \times 60 \times 24 \times 365$ km; faça a conta quem quiser...).

A técnica maravilhosa que nos permite identificar substâncias a uma distância de anos-luz é a análise espectral, cujos princípios procuraremos expor sucintamente. O leitor certamente já viu um raio de luz solar atravessar um prisma, sendo que o raio emergente apresenta tôdas as cores do espectro: é a dispersão da luz, que produz o espectro solar. O próprio arco-iris é um fenômeno semelhante, sendo que o ar, carregado de gotículas d'água após uma chuva de verão, funciona como prisma. A causa desta decomposição da luz em várias cores é o fenômeno da refração; quando um raio luminoso passa de um meio transparente para outro, sofre uma mudança de direção. Basta que olhemos para uma colher ou um canudo mergulhado num copo d'água, para percebermos este fato; o canudo nos parece «quebrado»; é que a luz ao passar do líquido para o vidro e deste para o ar, sofreu refrações (mudanças de direção), e nos dá a impressão que a parte submersa não é prolongamento da parte que fica para fora.

Quando um raio de luz solar (que contém tôdas as côres, ou, como dizemos, todos os comprimentos de onda) atravessa um prisma, cada comprimento de onda é desviado segundo um ângulo diferente, de modo que êles emergem em direções diferentes: há uma separação das côres. Se fizermos incidir no prisma uma luz de uma só côr, como a emitida por uma lâmpada de sódio, não se verifica êste fenômeno de dispersão da luz.

EMISSÃO DE UM ESPECTRO:

Num material aquecido, os eletrons ficam inquietos. O aquecimento representa energia — os eletrons, cada vez mais velozes, acabam pulando para uma órbita mais externa; mais não se demoram lá; em pouco tempo, voltam para o lugar de onde provieram, e, nesta volta ao estado fundamental, emitem tôda a energia que tinham armazenado sob forma de luz. E' por isto que os corpos aquecidos emitem luz. O comprimento de onda desta luz vai depender da energia do eletron ao pular de uma órbita para outra.

Suponhamos agora um astro, mandando sua luz até nós; esta luz atravessa um prisma e sofrerá um desvio maior ou menor, conforme seu comprimento de onda; se a luz contém mais de um comprimento de onda, como ocorre na maioria dos casos, o prisma se encarrega de separar as radiações, que são projetadas sobre uma chapa fotográfica. As fotografias espectrais apresentam geralmente um aspecto de riscas, porque antes de bater no prisma, a luz tem que atravessar uma fenda; as raias espectrais são fotografias da fenda. Então, o conjunto de raias, com suas posições relativas bem determinadas, que indicam o ângulo de desvio, e, portanto, o comprimento de onda, é como que um cartão de visita da luz proveniente da estrêla. Cada elemento tem suas linhas características, e comparando as linhas obtidas com as dos nossos elementos, podemos fazer a análise química das estrêlas! Um fato interessante verificado em relação a êsses estudos, é que em nenhuma estrêla foi descoberto elemento algum que não existisse também aqui na terra. Assim, o universo parece ser constituído dos mesmos 92 elementos que formam o nosso planeta.

Façamos ainda uma rápida referência aos espectros de absorção. As raias que acabamos de descrever são produzidas por eletrons que passam de um estado de energia mais alta a um estado de energia mais baixa, e libertam o excesso de energia emitindo luz; são os espectros de emissão.

Imaginemos agora um espectro que contém todos os comprimentos de onda; nesse espectro, não temos raias isoladas mas toda uma faixa luminosa: é o espectro contínuo. Fraunhofer observou que, quando um espectro contínuo atravessava um gás incandescente, passava a apresentar raias negras, exatamente nos lugares onde comparecem as raias características do gás atravessado. A explicação é simples; cada gás tem a capacidade de absorver a radiação do mesmo comprimento de onda que ele emite. Portanto, depois de atravessar o gás, o espectro se apresenta sem o comprimento de onda característica daquele gás, isto é, com uma ou mais raias negras de Fraunhofer. Um tal espectro chama-se espectro de absorção. Ora, o sol poderia emitir um espectro contínuo; mas na sua superfície existem gases incandescentes, que absorvem determinadas radiações; estes gases constituem a «camada de inversão» citada pelos livros de geografia. Por isto, o espectro solar não é contínuo, e sim entremeadado por inúmeras raias negras de Fraunhofer; não fosse a camada de inversão, estas raias apareceriam como raias de emissão. Em 1868, Janssen detectou uma nova linha no espectro solar, que não provinha de nenhum elemento conhecido; sugeriu então a existência de um novo elemento, e este, por ter sido constatado no sol, recebeu o nome de hélio. (do grego: helios = sol). Hoje sabemos que este elemento existe em pequena proporção na atmosfera terrestre, tendo sido usado no fabrico de balões; embora mais pesado que o hidrogênio, o hélio tem sobre este a vantagem de não ser inflamável. Hoje, usa-se o hélio em certas válvulas e lâmpadas especiais.

Pergunta um leitor curioso se não vamos falar sobre o espectrógrafo de massa; asseguro-lhe que essa é outra conversa, que vamos deixar para um dia destes, porque a de hoje já está muito comprida.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36.7659. São Paulo.

Ações Meritórias

Pois é, meu capitão, nós, da policia fardada . . .

Cap. Monte Serrat Fo.

Cidade Dutra é um dos distantes e florescentes bairros da capital paulistana, da metrópole que se espraia sem considerar os obstáculos circundantes do histórico planalto de Piratininga. Possui o seu posto e destacamento policial, e este, como todos os demais que se encontram em qualquer ponto do Estado, onde haja um distrito ou uma vil., achava-se desfalcado de policiais. Dois soldados, João de Oliveira e Luís Guedes de Souza, no apertado regimen de 24 horas de serviço por 24 horas de folga. Como no posto deve haver sempre, dia e noite, um policial para atender ao público, a reduzida folga das priças é mais teórica do que real. As diligências do piquete são freqüentes e o companheiro tem que substitui-lo no atendimento das queixas.

No dia 18 de outubro de 1955, João de Oliveira passa o serviço ao colega Luis e segue, ansioso, para o seu modesto lar. A espôsa e os cinco filhos esperam-no acolhedores. O caçula é o mais apegado ao genitor. Com menos de dois anos de idade, é o que fica à porta da casa esperando o pai aparecer lá na esquina, para sair-lhe correndo ao encontro, dando gritinhos de alegria. Esta cena é um refrigério para o policial. Faz desaparecer o cansaço do plantão e as impertinências do subdelegado. Entrou em casa carregando o filhinho e foi rodeado pelos outros quatros rebentos, enquanto, na cozinha, a espôsa terminava a refeição pobre, mas apetitosa. Pretende dormir depois do almoço e passar a tarde fazendo uns papagaio para os meninos.

M.1 saído da mesa, chega a autoridade policial avisando-o que volte ao posto, pois o piquete ia atender a um caso no bairro Rio Bonito. João farda-se novamente para sair. A criançada reclam.: E o papagaio que o senhor prometeu?

— Volto logo, depois eu faço.

O caçula não se conforma com a explicação do pai. Abraça-lhe a perna e grita chorando:— Não vá, pai; fique, não vá não. A

determinação do menino era tal em segurá-lo, que o pai precisa dar-lhe um repelão.

Sai, e até ao fim da quadra vai ouvindo a voz chorosa de Joãozinho implorando:— Fica pai; não vá não!

Por volta das 17 horas chega ao pôsto policial um menino.

— “Seu” João, três desconhecidos estão rodeando nossa casa. O pai está na cidade e a mãe mandou ver se o senhor podia dar um pulo até lá.

Servindo há quatro anos naquele destacamento, João de Oliveira era conhecido e estimado por todos da localidade. Sibia, que a casa visada pelos suspeitos ficava a boa distância, em zona já arruada, mais ainda coberta de mato. Monta na bicicleta e pedala para o enderêço dado. Nas imediações da casa não há mais ninguém. Pensa que será melhor avançar um pouco mais na sua investigação. Havia rodado uns seiscentos metros quando ouve um tiro vindo de rua transversal próxima. Dobra a primeira esquina e vê, à meia quadra, um automóvel parado e dois homens ao seu lado. Êstes, ao verem-no, embrenham-se no mato gal. O carro desce pela ladeira e, pouco depois, salta de dentro outro homem que também se embaraçusta na mata.

O policial conclui que se trata de ladrões assaltantes. Desce da bicicleta, e, de revólver em punho, procura-os, debalde, por entre a vegetação cerrada. Não desiste. Êles devem estar pelas proximidades. Ademais, é preciso ver o que aconteceu ao motorista. Monta na bicicleta e, mais adiante, ao dobrar outra esquina, dá com o carro e os três individuos. Um dêles, de blusão de couro, recebe o policial com certo tiro no peito. João cai. Mesmo no chão, procura retirar o revólver. O bandido quebra-lhe o braço direito com outro tiro. O policial pensa que o seu fim é chegado, mas lembra-se também de Joãozinho e que os facinoras não devem sair assim, sem mais aquela. E' preciso que pelo menos um fique ao seu lado para contar o nome dos demais que deverão prestar contas à Justiça. Levanta-se. Tenta retirar o revólver com a mão esquerda. Novo tiro quebra-lhe o segundo braço. As mãos pendem-lhe desgovernadas ao lado do corpo, e o sangue brota-lhe quente do peito. O soldado acredita que não há outra alternativa além do seu desenlace próximo. Mas está compenetrado de que deve lutar até o último alento. Aplica uma cabeçada no assaltante que lhe está mais próximo, jogando-o por terra. O outro delinqüente, que estava até então em atitude de expectativa, descarrega tód. a carga de uma pistola automática contra o soldado. Erra o alvo. O soldado avança sobre êste que, atemorizado pela bravura do ferido, foge, com o comparsa que fôra atirado ao chão, para o mato.

Resta um assaltante, o que está armado de revólver, o que já o havia atingido por três vezes. Investe sobre ele que, de olhos esbugalhados pelo temor que a resistência incrível do miliciano lhe infunde, acerta-lhe novo balaço em pleno peito. O policial sente cruciante dor e o sangue a extravasar-lhe por dentro do próprio corpo. A vista escurece. A respiração torna-se difícil. O sangue aflora quente do pulmão à boca. Não é possível fazer mais nada contra os fora da lei. João ouve a voz súplice do filhinho:— Fique, pai; não vá, não! Sente um aperto subindo do coração à garganta. Dos seus olhos rolam lágrimas que se diluem no sangue rubro brotado da boca. E' preciso viver. A visão volta-lhe e vê o último ladrão fugindo para a mata. Tenta mais uma vez sacar o seu revólver mas os braços não o obedecem, quedam-se inertes.

No automóvel, o motorista está caído sobre a direção. E' preciso chegar até o Hotel Interlagos que fica a um quilômetro de distância. O miliciano está habituado a andar de bicicleta sem pegar no guidão. Tenta mais essa proeza, porém rola por terra. A jornada tem que ser feita a pé. Arrasta-se por dois quarteirões. A respiração presa, a visão faltando e voltando. Encontra-se, finalmente, à frente da casa de um amigo. O velho Trombelli puxa a enxada, olhos voltados para a terra, desbastando a vegetação resteira do quintal.

— Trombelli, me acuda que eu estou morrendo!

Trombelli sorri e continua a sua faina, olhando para o chão. Pensa que o conhecido está brincando.

— Olhe para mim, Trombelli!

Choca o velho italiano o espetáculo que seus olhos vêem. Corre para o soldado. Procura passar pelo seu ombro um dos braços do ferido. O osso quebrado pela bala rompe os músculos e rasga a pele. João solta um grito de dor.

— Trombelli, vá na frente, ao Hotel, pedir socorro. Há um motorista ferido na rua de cima. Eu vou indo de vagar.

O miliciano chegou até próximo do Hotel, onde caiu exausto.

A ambulância de Santo Amaro havia saído para atender a um chamado. O ferido foi transportado para o Pronto Socorro daquele bairro, num carro da Rádio Patrulha. Lá, já sem nada enxergar, ouviu o médico dizer:— Vou aplicar-lhe uma injeção sedativa, mas não acredito que ele chegue vivo ao Hospital das Clínicas.

Os patrulheiros empenham-se na salvação do colega moribundo. A viatura, imprópria para o transporte de ferido voa

para as Clínicas. Lá chegados, João é conduzido diretamente para a mesa de operações. Tudo ao seu redor está escuro, mas o policial ainda ouve e fala. Ao ser colocado sobre a mesa operatória cai ao chão o revólver que não pôde ser utilizado, pelo inopino da agressão. Suplica ao operador: Doutor, me abra logo que eu não aguento mais.

Enquanto preparam, às pressas, o material cirúrgico, chega o padre e ministra-lhe a extrema unção.

A imagem do filhinho, grudado à sua calça, não lhe sai da memória. Escuta o médico assistente dizer que a sua pressão está a zero e que será inútil a intervenção.

O soldado balbucia:— Um pouco d'água; não quero morrer com tanta sede! Tomou a água e perdeu os sentidos.

Soube, depois, que esteve durante seis dias em estado de coma e que lhe amputaram duas costelas. Após quarenta dias de hospitalização foi transferido para o Hospital Militar da Fôrça, onde se submeteu a quatro novas operações, para recuperação dos braços.

O grupo assaltante foi prêso dois meses após, depois de haver assassinado um empregado da CMTC e ferido gravemente um guarda-civil.

* * *

João de Oliveira é mesmo um policial decidido. Estava ainda de licença para tratamento da saúde, com os braços mal encanados, tortos. Havia saído do H.M. onde comparecia todos os dias para os banhos de luz e as massagens nos braços. Ia para casa. Eram 11,30 hrs. quando, atravessando a rua Direita, ouve gritos de "pega, ladrão!", e vê um mulato robusto correndo em direção à galeria Prestes Maia. Lança um olhar de relance para ver se algum outro policial saíra no encalço do ladrão. Não vê ninguém, e pensa:— Sou eu mesmo quem vai resolver esta parada. Mal pensou e já estava na cola do meliante.

No segundo lance da escadaria aplica-lhe uma "gravata". Rápido, desarma o delinqüente de perigosa navalha. O larápio, amedrontado, oferece-lhe o produto do furto:— "Seu" praça, fique com a bolsa e me deixe em paz. O miliciano subjuga o meliante, apreende a carteira com três mil cruzeiros, arrola testemunhas, e, com a vítima, uma senhora, segue para o gabinete de investigações onde o marginal foi autuado em flagrante.

João de Oliveira contou êstes fatos em que é personagem principal, com a singeleza própria dos homens destemerosos de fato, e conclui: "Pois é, meu capitão, nós, da policia fardada, estamos sempre de serviço, mesmo quando em licença para tratamento de saúde".

INTRODUÇÃO DE UMA SÉRIE DE ARTIGOS SÔBRE HERÁLDICA

★ ★ ★

HÉLIO A. A. DUTRA DE AZEVEDO

Aluno Oficial da P. M. de Santa Catarina
— Cavaleiro da S. O. C. S. P. A. — Sócio
Efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro
— Da Fed. dos Institutos Genealóg'cos
da América Latina.

Os livros especializados sôbre heráldica são relativamente poucos, e grande parte dêles muito antigos. São encontrados quase que exclusivamente em poder dos colecionadores e bibliotecas importantes. Daí a necessidade de compilar, num manual de fácil aquisição, os princípios mais importantes desta disciplina que tem tantos interêsses e inúmeras utilidades no quadro das ciências históricas.

Nos artigos que escrevermos sôbre esta disciplina, para «Militia», não teremos outro mérito que o de traduzir, adaptar, coordenar e compilar trechos de obras importantes, e colocá-los à disposição dos numerosos leitores que nem sempre podem recorrer às diversas fontes onde buscamos estas notas.

Nos países de forte tradição histórica, muitas pessoas cultas têm, por intuição, idéias bastante exatas de alguns assuntos da matéria heráldica. Porém, a escassês de obras e a dificuldade de informação a que aludimos, motivam que em outros setores, inclusive nas classes mais ilustradas, admitam-se, nesta matéria, erros absurdos que causam verdadeiros prejuizos.

Tendo em conta estas circunstâncias, procuraremos salientar nesses artigos, apenas os princípios fundamentais da Heráldica. E, pela força imanente do seus princípios, cremos que se poderão desvanecer os prejuizos aludidos e que contribuiremos para evitar falsas conclusões nesta matéria, tão combatida como pouco conhecida.

Dado o limitado espaço de que dispomos, não inseriremos, pois, tôdas as definições da extensa terminologia bla-

sônica, assim como não citaremos todos os casos, tôdas as regras, tôdas as mnuciosas observações que ficariam melhor numa obra especializada e extensa sôbre o Brazão, procedimento êste que, além de prolixo, seria também pouco adequado para uma leitura corrente.

Em troca, dando maior relêvo aos aspectos históricos e sociológicos, esforçar-nos-emos para dar uma impressão de conjunto, que faça perceber e ressaltar, se possível, a influência dos sentimentos dominantes, da literatura romântica e das ideologias culturais nos períodos em que estas idéias se condensavam.

Tais aspectos não integram prôpriamente a arte do Brazão, porém, fazem parte do campo mais extenso da Heráldica e constituem antecedentes muito úteis para uma compreensão mais abalisada desta-ciência.

Para lograr a impressão mais objetiva possível, sacrificaremos ainda, nos artigos como o presente, certas tendências críticas subjetivas a que os temas se prestam.

Os estudos heráldicos não são apenas uma atribuição da vaidade de algumas famílias, embora o fabuloso de suas genealogias, em voga em outros tempos, a suscitar comentários maliciosos, haja contribuído para quebrantar seu prestígio. A Genealogia e a Heráldica, acomodadas aos métodos da crítica moderna, merecem a atenção, não só das famílias que tenham um interêsse direto nelas, como também de todos aquêles que se consagrem ao estudo das questões históricas. Elas constituem o objetivo científico de muitas Academias, e os Estados têm grande interêsse em fomentar o estudo dessas disciplinas pelo muito que têm contribuído à formação da cultura histórica em geral.

A CIENCIA HERALDICA

A Heráldica, num aspecto puramente etimológico, é a ciência dos heraldos ou arautos. Os heraldos eram os oficiais do rei que dirigiam os torneios e examinavam a qualidade dos cavaleiros que nêles tomavam parte. Com o passar dos tempos, tornou-se maior a missão dêstes personagens; e, por mandado dos reis, coube a êles o sagrado dever de determinar os escudos de armas que correspondiam a cada família, das que tinham o direito de usá-las.

Os emb'emas próprios da Heráldica familiar, que é a que mais interessa, no principio, foram adotados pelos nobres de um modo mais ou menos arbitrário. Porém, tratando-se

de emblemas hereditários, sentiu-se a necessidade de registrá-los e de regularizar seu uso. Isto, feito mais ou menos empiricamente nos tempos primitivos, foi o labor paciente e meritório dos heraldos, e depois, até os dias de hoje, dos heraldistas de todo o mundo.

A Heráldica foi chamada de maneiras diferentes em diversas idades. Primitivamente, era considerada como a «arte» que ensinava as regras próprias e corretas de se compor um bração. Depois, foi chamada «ciência», e, pelas influências clássicas, era nomeada como a «ciência heróica», devido ao seu desejo de perpetuar as gestas ou façanhas dos antepassados.

Ela estuda as «armas» ou «armarias», palavras que não designam de maneira alguma, instrumentos de guerra, quer de ofensa como de defesa, senão que, procedendo da palavra latina «arma», deve ser tomada em sua acepção de «insígnia», referindo-se a todos os emblemas honoríficos de famílias nobres, de corporações e entidades pertencentes às jerarquias da Igreja ou do Estado.

Na Europa, o uso do Bração começou a ser adotado na Idade Média, naquela época em que dominavam os sentimentos religiosos e a exaltação da poesia heróica nacional. Naqueles tempos revoltos, muitas véses incompreendidos de paixões desbordantes, de arte grandiosa e de preconceitos inexplicáveis, em que a sociedade feudal, a nobreza e a cavalaria estavam no seu apogeu, pode-se compreender facilmente o entusiasmo que despertou o bração. E seu uso passou a significar tradição, família, propriedade, honra, valor e alarde de arte; isto é, o bração concentrou em si a manifestação dos sentimentos morais e culturais mais arraigados na gente de então.

Eysenbach, na sua «História do Bração» dizia: «O bração, linguagem misteriosa, língua engenhosa e surpreendente, de uso universal para a nobreza da cristandade, estabelecia entre os gentíshomens uma confraternidade heróica; era a pedra fundamental do edificio feudal, «a semente e a chave da abóbada — como disse um autor antigo — da jerarquia aristocrática».

O tom de discreção que hoje é imposto aos costumes, às obras artísticas e inclusive às vestes masculinas e femininas, e sobretudo a proscrição inflingida às regras da etiqueta e às brilhantes cerimônias, não se conheciam. Aquela sociedade era jovem e exuberante. Não se desprestigiou jamais, até que a «sensibilidade moderna» impôs à vida uma

«estandardização» de aspecto enublado... sensibilidade esta que, em muitos aspectos da vida social e corporativa, se traduz em uma reservada e fria correção.

Ao contrário do que acontece hoje, a sociedade de então vivia sob todos os aspectos numa ingênua naturalidade. Havia mais contacto com a realidade, existia mais vida. Ela se elevava por si mesma, considerando «como uma realidade» o que o braço representava para si, isto é, um símbolo de patronato, de posição, de hierarquia. Fazia dêle livre ostentação. Não vacilavam em esculpir os escudos dos grêmios e dos mercadores, como alto título de honra, paralelamente com os braços dos conselheiros dos reis.

Visitando os templos da antiguidade, veremos multidões de escudos e braços esculpido, nos quais figuram tesouras, sapatos e outros objetos com o que os alfaiates, sapateiros e outras distintas pessoas dedicadas a essas artes decoravam seus sepulcros, querendo assim que o amor ao ofício os acompanhasse até à tumba.

O escudo de «mister» ou de «ofício», hoje em desuso, substituídos pelos símbolos dos grêmios, corporações diversas e sindicatos, representavam o amor ao ofício, ao grêmio, que caracterizava a burguesia nascente que via abrir diante de si, diante de seus filhos, as portas dos Conselhos.

Dessa mesma maneira, o escudo de um senhorio simbolizava a propriedade territorial, a altivez dos agricultores-militares, que era a «élite» da terra, que defendiam, quer dos seus castelos, quer das Côrtes dos reis.

De tudo isso se deduz que o homem de estirpe nobre, com o correr do tempo se inclinou a conhecer não somente sua genealogia, senão, também, os símbolos convencionais com que se representavam as façanhas dos seus maiores.

Hoje, o conhecimento da Heráldica é de grande utilidade e interesse para aqueles que se preocupam e consagram ao estudo da Ciência Histórica.

Nenhum arqueólogo poderá estudar um monumento da antiguidade sem o seu conhecimento; fatalmente que ficaria perplexo. O historiador que tenta desvendar um tema elevado de crítica histórica, não pode desconhecer a Heráldica sem privar-se de elementos insubstituíveis de juízo. Enfim, o conhecimento não só dos emblemas, como das ideologias que os formavam, matéria que entra de cheio no terreno heráldico, é a chave mágica, indispensável mesmo, para os estudos sérios sobre a Idade Média.

A Heráldica, unanimemente reconhecida como ciência auxiliar da História, tem estreitas relações com a Genealogia Nobiliária, que não é mais que a história, escrita em períodos diversos, das famílias cujas armas figuram ou têm o direito de figurar nos Nobiliários. Os Nobiliários são os livros nos quais são colecionados os escudos da nobreza de um determinado país.

Ainda, a Heráldica tem estreita relação com o que poderíamos chamar de Direito Nobiliário, tão bem definido por Alejandro de Armengol Y Pereyra, como sendo «o conjunto de normas jurídicas que regulam o estado das pessoas na ordem da nobreza».

Digamos pois, desde já, que as «armas» são insígnas cujo uso está reservado às diversas categorias de nobreza. Por isto, acreditamos que não nos devíamos limitar às regras do Brazão, motivo pelo qual daremos certo relêvo às questões relacionadas com o estado e as categorias da nobreza.

FLÂMULAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA AS POLÍCIAS MILITARES

Flâmulas e bandeirolas para associações esportivas, unidades militares, milícias e outras entidades.

Impressas sobre seda, rayon, etc., pelo processo silk screen.

Remessas para todo o Brasil, pelo reembolso postal ou aéreo.

CONSULTEM-NOS, SEM COMPROMISSO

MAJOR

material para propaganda Itda.

RUA CONS. MOREIRA DE BARROS, 409 (Santana) - S. PAULO, SP - FONE 3-8839

O ESQUIZOFRÊNICO

Major Olímpio O. Pimentel

COMENDADOR Carlos Seixas e sua cara-metade dona Maria Izabel Cristina Seixas, novos ricos do após guerra, portadores de quilométrico par de orelhas, orgulhosos e intolerantes, em tudo encontravam motivo para humilhar e subestimar os que com eles tratavam. Dona Maria Izabel, com furor leonino, sevicou a pagem Maria Angélica, mocinha de apenas dezesseis anos, por haver involuntariamente quebrado a tampa de um bule ordinário e a asa de uma xícara chinesa. O comendador despediu sumariamente o guarda-livros Lindolfo Frias, chefe do escritório da firma, por ter faltado ao serviço em consequência de insidiosa gripe. Ao pretender justificar a omissão foi o pobre rapaz tratado com aspereza brutal retirando-se, ainda, sob ameaça.

Centenas de casos como êsses poderiam ser citados, cada um mais cabeludo; não o faço para não azuvinar a paciência do indulgente leitor, se houver alguém que leia êste desconchavo. O que mais encafifa é o misticismo desta transformação galopante. A guerra foi o trampolim mágico ou o amuleto para o salto mortal à fortuna miraculosa. Ontem, pobretão; hoje abastado e, ainda, um bombástico título de comendador!... Pouco antes da conflagração,

o encanador, com vestidura zuarte, ferramenta à mão, alugando-se aqui, ali, acolá, todo mesura, todo submissão; ora concorria aos serviços públicos da Secretaria da Viação oferecendo propinas a funcionários para darem «um jeitinho» de vencer na concorrência. Agora, porém, a coisa é outra. Vemos o cidadão guindado ao alto comércio, com muito dinheiro, título nobiliárquico, o diabo.

E' de ver hoje o casal, como frequente teatro, cinema, cabaré — em suma — o café «society». A comendadora exhibe requintados «vêtements», plissados, rodados e ataviados de rendas asiáticas; carrega com jóias tão caras quanto exóticas e atentatórias ao bom-gosto. Não raro é vista ostentando rico costume de tule amarelo, contrastando com extravagante colar de contas verdes, o que lhe valeu o epíteto de: «Encanadora Nacional». O comendador é tipo gozado; ao penetrar em qualquer recinto, vozeia, pigarreia, usa artimanhas para assinalar sua arrogante presença. Bem ajambrado, aparece sempre com elegantes fatos de impecável linho branco, camisa preguçada de peito duro, gravata borboleta abrochada com a cabeça de um cinocéfalo cujos olhos são duas pedrinhas fosforescentes. Com-

pleta a indumentária: vistoso chapéu de feltro, com abas largas à mexicana, óculos existencialistas e sapatos marrons inteiriços, além de bonita bengala feita de pau-marfim com castão de ouro cravejado de aljófar, que à noite parece tocha. Nestes últimos dias o casal tem sido visto acompanhado de tentadora hespanhola de seus vinte e cinco anos, em quase tôdas as reuniões. O comendador sem nenhuma simulação vive a torear-la, ora com gestos blandiciosos, ora com palavras ternas e excesso de zêlo. A «encanadora nacional», contrafeita, às vèzes deitahes olhares de censura, porém, logo, os recolhe com mágoa e disfarce. Quem observa o fato sem malícia não encontra motivo de crítica; não sucede o mesmo com os fazedores de trancinhas que logo sussurram: «Ménage à trois». Serginho, jovem inteligente, filho do casal magnata, é aluno da Faculdade de Filosofia. Voluntarioso, de ímpetos irreprimíveis, não raro é levado a excessos. Esbanja dinheiro nos serões orgiâcos; não descansa, nem se alimenta direito, preocupado com diversões licenciosas; daí as despesas voluptuárias em que incide, abrindo brechas tremendas nos alicerces da economia paterna. De nada têm valido os conselhos quer dos pais, quer dos mestres, quer dos bons colegas!

Contrastando com êsse procedimento libertino, enquanto se paramenta com monástico burel e impeçável sobrepeliz, sem mangas, intitula-se Santo António de Lisboa — o santo casamenteiro — empregando parte do tempo em forjar casamentos, dizendo-se enviado especial para êsse mister. Muita vez diz-se

o próprio Filho de Deus, que viera ao mundo a fim de apascentar as ovelhas desgarradas.

Exaurido, neurótico, traz os nervos à flor da pele; é, sem exagero, uma pilha elétrica. Por isso em nada o contrariam os turiferários e falsos amigos, que o exploram impiedosamente. Agravado, cada vez mais, o estado de saúde, foi chamado o Dr. Batukij Mikako, médico da família, para consultá-lo. O esculápio, depois de minucioso exame solicitou a imediata presença do famoso psiquiatra, professor Febrônio Scafoglio que, após ligeira análise, diagnosticou: Esquizofrenia.

— O seu filho está esquizofrênico, comendador. Este, desconhecendo o mal e simpatizando com o nome, respondeu-lhe: Obrigado, dr.. Ele é de fato inteligente, aliás, todos os da família são assim, não nega a raça o meu filho. Mas... diga-me cá dr., qual a enfermidade do rapaz? — Esquizofrenia, esquizofrenia, meu caro... Seu filho é esquizofrênico! — Bem, isto eu já sei, o que me interessa agora é saber a doença...

O bom amigo cel. Ferreira, após a missa de sétimo dia do saudoso cel. médico Dr. Antônio Bonfim de Andrade, conduzia em seu automóvel os coronéis Dino e Teófilo, na frente; Pradinho, Alcides do Vale e eu (o menor de todos) atrás, quando de intermeio a outros assuntos veio à baila esta narrativa chinfrim. Um dos ocupantes da traseira do improvisado «lotação» (Alcides) opinou que a idéia mambembe estava escanchada no seu subconsciente por haver, na História, celebridades portadoras da crônica doença. Há, com certeza, equívoco do eventual passageiro

do «lotação». Pelo que sabemos sobre a personalidade do «fuehrer» poderíamos chamá-lo possesso, eufregúmeno, paranóico, obcecado, fanático e outros que tais, nunca esquizofrênico, pôsto que a esquizofrenia — chamada demência precoce — ataca, sobretudo, os indivíduos moços, caracterizando-se essencialmente por sintomas afetivos. Ora, não me venha o simpático interlocutor querer persuadir que Hitler exteriorizava sentimentos patéticos e que morria de amores pelo próximo. Nada disso.

Ele, no conceito geral, foi tenebroso, bárbaro, perverso, maquiavélico, tirano, mefistofélico, arrasa-mundo e outras coisitas mais... Esquizofrênico, não. Haja vista telegrama de 12 de maio de 1945, procedente de Nova York, segundo o qual um oficial de ligação pessoal de Hitler declarou que o «fuehrer» no dia que morreu se encontrava muitíssimo cansado mas gozando perfeita lucidez de espírito.

Logo...



MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA !

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dêlo.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

A PSICOTÉCNICA NA FÔRÇA PÚBLICA

A propósito da atuação do Departamento de Alis-
tamento, Seleção e Orientação Profissional (D.A.S.O.P.)
no setor dos exames psicotécnicos, recebemos cópia de
carta de um autor cujo nome nos foi ocultado por ra-
zões que fogem às presentes considerações. O teor da
carta foi o seguinte:

.....
.....
a) — referidos exames, embora tenham o rótulo de científicos,
são considerados falhos à luz da realidade. Os primeiros testes
que a psicologia aceitou, universalmente, foram os de Binet e
Simon, ainda hoje com larga aplicação na Psicologia Educacional.
O fundamento desses testes é avaliar, aferir o nível intelectual
dos examinandos. Vê-se, logo, que se destina à medida da intel-
ligência, nunca da moral. Recentemente, psicólogos norte-ameri-
canos, após longas observações, através de emprêgo de testes em
milhares de alunos em todos os graus escolares, chegaram à con-
clusão que os alunos dotados de maior inteligência também o eram
de maior moralidade. Isso é lógico, evidente, porquanto o Uni-
verso, quer físico quer moral, se fundamenta na VERDADE E
NO AMOR. Pensar de outra maneira seria a adoção do câos
universal, com o triunfo da mentira e do ódio, que são elementos
desagregadores. A conclusão dos psicólogos norte-americanos é,
portanto, científica, porque foi próxima com fatos. Pois bem, apesar
dessa notável descoberta, os seguidores e conterrâneos de William
James, que, inegavelmente, foi a maior equipe de psicólogos do
mundo, não chegaram ao absurdo de organizar testes para uma
seleção sob o ponto de vista moral;

b) — os nossos chefes antigos, que com grande inspiração,
conduziram a Fôrça Pública a um estágio que pôde cumprir fiel-
mente a sua missão, sempre foram felizes na seleção de seus
recrutas. Reputo aquêles processos mais racionais que os atuais,
no que tange à seleção quanto à conduta, isto é, quanto à
evolução étnica dos candidatos. Afinal, qual era o grande segredo?
E' o mesmo que ainda impera no comércio e na indústria, isto é, a
conduta de um cidadão obtém-se através de atestados dos estabe-
lecimentos comerciais ou industriais onde ele trabalhou longos

anos. Antigamente, a Fôrça exigia êsses atestados, exigia uma carta de apresentação de oficial das classes armadas ou da Fôrça Pública, e atestados de bons antecedentes da Polícia Civil. Por que não aproveitarmos êsse processo que sempre deu bons resultados? Nunca, na história da Fôrça Pública, a seleção foi tão mal feita como nos últimos anos. Os casos concretos estão aí aos milhares: soldados portadores de todos os vícios, chegando às centenas os tarados. Poderia, se necessário e se não fôsse desumano, citar casos pessoais que comprovam a presente afirmação. Será a socied.de atual, de onde tiramos as nossas praças, tão inferior à sociedade de outrora? Talvez a causa esteja na seleção”.

O D.A.S.O.P., por meio de seus oficiais, respondeu o seguinte:

Após tomarmos conhecimento das considerações feitas sôbre seleção mental a cargo dêste Departamento, passamos a tecer as considerações que se seguem; antes, porém, ressaltamos uma exposição mais completa, daquilo que se tem feito nesse setor vital da Fôrça Pública. Limitar-nos-emos a uma simples informação, sem, porém, deixar de documentar o que fôr exposto, na medida do possível, aguardando ocasião oportuna para maiores esclarecimentos.

O D.A.S.O.P. ignora a intenção da presente crítica, bem como o que a motivou. Embora injusta, encaramo-la como inspirada nos altos interesses da coletividade. Entretanto isso não basta, pois falta motivação mais consistente, faltam dados estatísticos, não apresenta conteúdo científico e confunde conceitos filosóficos com os da Psicologia aplicada, além de desconhecer por completo o que se fêz em nosso Departamento.

Inicialmente aborda o problema do nível intelectual; cita o teste de

Binet-Simon, acentuando que é universalmente aceito e que não se presta para a medida de moral. Pressupõe que não conhecemos o teste e, mais adiante, diz abertamente que pretendemos medir a moral dos candidatos. Podemos, facilmente, provar o contrário, pois há mais de um ano tentamos adaptar a forma revisada por Therman do teste de Binet-Simon, mas não foi possível; não existem formas de aplicação coletiva. Êsse teste não tem tido larga aplicação como afirma o autor. A Psicologia nunca aceitou tal método ou teste. Ela sempre foi constituída de correntes ou doutrinas, e o que tem ficado das mesmas é que constitui o corpo da Ciência Psicológica atual. Portanto, um teste que encontra inicialmente aceitação universal, também encontra limitações nos estudos posteriores. Assim foi o caso do Binet-Simon e, depois, do Binet-Terman e outros. Existem, atualmente, inúmeros testes de nível mental, universalmente aceitos pela Psicologia moderna, que possuem formas de aplicação coletiva e que temos usado, a exemplo de Institutos de

Psicotécnica mais completos e melhor aparelhados que o nosso. São testes válidos, fidedignos e precisos, aferidos por métodos estatísticos modernos. É óbvio que através deles não medimos e jamais pensamos medir o grau de moralidade, mas tão somente o nível intelectual.

Diz a crítica que os psicólogos americanos, após pesquisas feitas em alunos, concluíram que os indivíduos bem dotados intelectualmente o eram, também, de moral. Vê-se que a amostra escolhida não satisfaz à totalidade das exigências científicas. Conhecemos muitas pesquisas feitas em penitenciárias, inclusive no Brasil, que demonstraram que delinquentes famosos também apresentavam nível intelectual alto; no entanto, o aspecto moral dispensava considerações. Esse assunto vem sendo estudado há muitos anos pelos criminologistas e psiquiatras. Vejamos o Prof. Leonaldo Bianchi no seu «Tratado de Psiquiatria», III edição, 1924 — Cap. V: «Há quatro grupos de casos de delinquência:— a) — o impulso pervertido, antisocial, é exclusivamente intenso e o paciente não pode reprimi-lo;

b) — o paciente carece de mecanismos repressores, inibidores, para impedir a sua manifestação, quando sob o efeito de emoções fortes;

c) — quando há concomitância de ambas as deficiências;

d) — finalmente, o 4.º grupo que engloba todos os casos de psicopatias que levam a atos criminosos».

A não ser no 4.º grupo, o fenómeno é sempre consciente, sem perda da noção do ato cometido.

O delinquento pode ser oligofrênico ou, ao contrário, o oligofrênico pode ser muito bem dotado de moral. Não vemos relação direta entre uma e outra cousa.

Das idéias do nosso crítico desprende-se que, selecionando pela inteligência, já o estamos fazendo também pela moral. Isto é que é absurdo; já foi exaustivamente provado o contrário em muitas ocasiões. Os estudos sobre o assunto foram modernamente ampliados e aprofundados. Existe vastíssima contribuição da Psicanálise (Consulte-se os trabalhos de Aichorn, citados pelo Prof. Theon Spanudis, em «Delinquência e Psicanálise», edição I, B, D, C, S, P. 1954). Vemos, assim, que o delinquento está praticamente fora do nosso alcance através de testes. Nem sequer os aplicamos com este objetivo. Procuramos identificá-los, na medida do possível, através de entrevistas e de atestados de antecedentes fornecidos pelo D.I.. Ambas as medidas são falhas. Grande número de candidatos são procedentes de outros Estados da União. Quase todos são excessivamente jovens e nunca entraram em contato com as camadas sociais mais baixas, a que estão expostos os policiais, e nunca tiveram oportunidade de manifestar as suas tendências. Este problema foi muito abordado pelo Major Dr. Orestes Barini em uma conferência publicada na Revista da Cruz Azul, em data que não nos ocorre.

Muita admiração nos causou a afirmação, a propósito de seleção mental, que «o Universo, quer físico quer moral, se fundamenta no Amor e na Verdade». Dentro da confusão estabelecida entre seleção mental e

conceitos metafísicos, que pensar disso? Que somos desprovidos de sentimentos humanos? Que não nos nutrimos das mesmas fontes de educação e cultura? Sabemos, entretanto, que não é falta de amor ao próximo e sim, a mais alta expressão da verdade, pois a realidade aí está nua e crua, a admitir que existem indivíduos do mais alto nível moral e intelectual, que, no entanto, padecem das mais variantes manifestações psicopatológicas. Em vista disso, este Departamento julga ser medida mais acertada procurar estudar com mais profundidade os candidatos ao alistamento, visando impedir que indivíduos anormais, muitas vezes egressos de sanatórios de alienados, neuróticos, deficientes mentais, toxicômanos, epiléticos, personalidades psicopáticas, etc., venham a fazer parte das fileiras da Fôrça.

Os métodos por nós usados para esse fim são adequados e são, também, usados em outros países onde a Psicotécnica está mais avançada, obedecendo a métodos exclusivamente científicos. O Psicodiagnóstico Miocinético (P.M.K.), do Prof. Emilio Mira y Lopez, por nós empregado, é atualmente usado em vinte e dois países, entre eles os Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Suíça, Alemanha, etc.. A sua bibliografia é extensa e pode ser encontrada nos «Arquivos Brasileiros de Psicotécnica» — Ano 8 — n.º 1 — Pág. 58, editado pela Fundação «Getúlio Vargas», no Rio de Janeiro.

Mais uma vez acentuamos; não visamos medir o grau de moralidade, mais sim o grau de equilíbrio mental e a harmonia das funções psíquicas.

Felizmente temos conseguido chegar à nossa meta, se não totalmente, pelo menos em boa parte. Temos empregado, atualmente, esses meios, apenas porque carecemos de outros. Não se trata de uma acusação. O aparelhamento ideal é caro e o volume do nosso serviço talvez não comporte tal despesa. Mais adiante apresentaremos sugestão a respeito.

.....

Quanto ao item (b) da crítica, acreditamos ser impróprio e desleal julgar o trabalho dos antigos chefes. Naquele tempo contava-se com poucos meios. Há 15 anos a Psicotécnica engatinhava no Brasil. Que fazer então, senão empregar métodos empíricos, guiar-se apenas pela conduta e pela referência de terceiros como critério de seleção, elementos certamente insuficientes? Selecionar por meio de cartas de referência, para nós seria coisa simples, simplória mesmo. Entretanto, não usamos tal processo; ele é por demais obsoleto. Já teve a sua época. Os bacamartes e as pederneiras fizeram sucesso na Guerra do Paraguai. Levaram Caxias e seus soldados a muitas glórias. Porém, em Monte Castelo, o armamento para a conquista dos objetivos já foi bem outro e bem diferente.

Ou a Fôrça se adapta às contingências da vida atual, ou então, cremos, não sobreviverá.

Atualmente, para a seleção, contamos com meios mais científicos, paralelos ao desenvolvimento das ciências correlatas.

Seriam os processos antigos mais racionais, como afirma o autor da

crítica? Preferimos pensar como se pensa nas Fôrças Armadas Americanas, Inglesas, Polícias de Buenos Aires, Exército Brasileiro, Fôrça Aérea Brasileira, etc., etc., onde é a Psicotécnica empregada largamente e cada vez com maior amplitude. Note-se ainda que os métodos referidos pelo nosso crítico já não encontram a mínima acolhida nas grandes enprêsas ou firmas industriais e comerciais, que hoje empregam amplamente a Psicotécnica para bem selecionar os seus elementos.

O S.E.N.A.I., S.E.N.A.C., C.M.T.C., E.F. Sorocabana, Expresso Brasileiro, Viação Cometa e tantas outras grandes organizações, possuem gabinetes psicotécnicos cujas atividades podem, a qualquer momento, ser verificadas por quem quer que seja. O I.S.O.P., no Distrito Federal, seleciona os candidatos às carreiras diplomáticas do Itamarati, através da Psicotécnica.

E' grande o desenvolvimento da Psicotécnica em São Paulo. Os oficiais do D.A.S.O.P., graças aos cursos realizados no Rio de Janeiro (Fundação Getúlio Vargas, Ministério da Educação, Prefeitura do Distrito Federal), na França (Instituto Nacional de Orientação Profissional-Sorbonne), graças aos estágios que realizaram e realizam presentemente, no S.E.N.A.I. e Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, e graças ainda ao grande número de correspondência técnico-científica e revistas especializadas etc., são freqüentemente solicitados a prestar colaboração a outras Instituições, Firms ou Organizações congêneres. Não raras são as Polícias Militares de todo o Brasil que

têm solicitado auxílio na montagem de seus serviços psicotécnicos. O pessoal de vários gabinetes psicotécnicos de São Paulo e do Rio tem nos visitado e haurido de nossa modesta fonte, como nós o temos feito, também em relação aos mais avançados. Vale dizer, ainda, que bem poucos serviços psicotécnicos contam com uma parte de provas de personalidade e exame psiquiátrico (contamos com um médico-psiquiatra formado pela Universidade de São Paulo), tão completo quanto o nosso. O próprio Prof. Dr. Emilio Mirã Y Lopez, incontestavelmente uma das autoridades no assunto, nos dispensa a máxima consideração, visto sermos ampliadores e divulgadores de uma parte de seus trabalhos (Psicodiagnóstico Miocinético. Estamos com cerca de 15.000 aplicações).

E' pois, bastante injusta, sem base, inexpressiva e vazia a afirmação de que a seleção na Fôrça Pública nunca foi tão mal feita. Isso não encontra éco nas estatísticas. O crítico não as cita apegando-se ao prisma humanitário da questão. Entretanto, o prestígio e o futuro da Fôrça Pública exigem que dados numéricos frios, desapaixonados e pessoais, sejam confrontados e discutidos com o intuito sadio de se melhorar o que já existe de bom, e nunca com a intenção malévola e incompreensível de destruir a obra já realizada, nada de concreto ou positivo se apresentando para substituí-la.

Nosso crítico se refere à estatística, mas não a cita. Aliás, nos parece que êle carece de formação técnica para tal. Nós, sim, podemos

citá-las. E, dentro da brevidade desta informação passaremos ligeiramente, a citar algumas:

a) — Baixas à enfermaria de neuropsiquiatria do H. M., no primeiro ano de serviço:

1950 — 33 em 1204 alistados

1951 — 29 em 1570 alistados

1952 — 14 em 2342 alistados

1953 — 1 em 545 alistados

Estamos elaborando estatísticas mais recentes. Em 1950 aplicavam-se, apenas, testes de nível mental, como também em 1951. Em 1952 instalou-se o D.A.S.O.P. e em 1953 os resultados foram excelentes como atestam, imparcialmente, os números.

b) — Classificação dos candidatos à Escola de Cabos, nos 50 primeiros lugares, em 1952:

41 em 101 selecionados

9 em 69 não selecionados

c) — Punições em 170 candidatos a cabos:

24 em 101 selecionados

45 em 69 não selecionados

Levou-se em conta qualquer tipo de punição. Os números dados aí são também expressivos. Há outras estatísticas mais completas publicadas em números da revista «Militia», juntamente com a transcrição de conferências realizadas por oficiais do D.A.S.O.P..

A presente crítica não nos alcança. Sabemos, perfeitamente, que outras feitas por peritos ou por quem pelo menos conheça o que se faz no D.A.S.O.P., poderão nos alcançar, pois não ignoramos nossas deficiências. Nosso trabalho é científico e como tal sujeito à relatividade científica e à probabilidade estatística. E' oportuno lembrar, ainda, que o certo em senso absoluto, não existe.

Repetimos: conhecemos nossas deficiências. Usamos, atualmente, um único teste de personalidade. Não temos meios seguros de identificar certos tipos de epilepsia e personalidade psicopáticas. Não possuímos aparelhos de psico-motricidade para selecionar mais adequadamente nossos motoristas. Estamos sujeitos a injunções de alistamento, por vêzes intensivo (há pouco examinamos cerca de 3.000 homens em 30 dias aproximadamente) que, é óbvio, prejudicam o andamento normal do trabalho seletivo.

Para sanar nossas deficiências, já apresentamos sugestões ao Cmdo. da Fôrça Pública, no sentido de que forneça ao D.A.S.O.P., aparelhamento especializado e necessário, proporcional às necessidades, bem como se faculte aos oficiais estágios em organizações melhor aparelhadas que a nossa.

Para finalizar, convidamos nosso ilustre e desconhecido crítico a uma visita ao D.A.S.O.P.. Que venha e traga suas estatísticas negativas do nosso serviço. Estará, dessa maneira, nos prestando a mais inestimável cooperação, qual seja a de nos apontar o ângulo pernicioso de nossas atividades, ângulo êsse que depois de devidamente removido, trará incomensuráveis e incontestáveis benefícios à coletividade e à nossa gloriosa Fôrça Pública.

a) Gentil Campos de Oliveira
Capitão

a) Eurico José Colla
Capitão

a) Sérgio Vilela Montelro
Capitão

a) Dr. Vicente D'Andretta
1.º Ten. Méd. Psiquiatra

Quando falta assunto, o melhor é recorrer às anedotas. Sei que todos vocês conhecem as que vou contar; mas não custa eu as ir catalogando. Assim, daqui há uns vinte anos vocês poderão recordá-las, manuseando a "Militia", para, então, com as devidas modificações exigidas pela época e pelos costumes, contar aos netos ou aos anjinhos do outro lado da vida. E os meninos comentarão entre si:— "Coitado do velhinho; aparece com cada piada idiota, que qualquer criancinha de colo já as conhece. Está completamente "gagá".

Mas, como eu ia dizendo, falta de assunto é falta de assunto, e o amigo Hildebrando está exigindo vorazmente matéria para mastigo de suas impressoras, e por isso, lá vai.

-:0:-

Conta-se que em Portugal (onde mais poderia ser?) os telefones são assim:—

222 — 2222 — 4444

Por uma incompreensão, em outros lugares adotam escrever o mesmo de forma pouco prática:—

32-42-54.

trou em cima, massacrando a trazeira do "palácio ambulante". Possesso, o dono descompôs a lusa criatura:—

— Que você me seguisse o tempo todo, vá lá, mas dar uma trombada dessas aqui, na Ponta da Praia, dentro de minha garagem, isto é demais!...

-:0:-

Já que estamos na estrada, agora eu conto a do motorista de caminhão que, a cada tentativa frustrada de pôr em funcionamento o motor do veículo, praguejava em altos brados, blasfemava xingando todos os Santos, dizia palavrões... Depois de ter mexido em carburador, bobina, distribuidor, velas, dínamo, motor de arranque, correia de ventilador, e outros que tais, recorreu à manivela e acabou lançando-a ao meio da rodovia, acompanhada de um palavrão.

Um padre, que o observava, chegou-se aconselhando-o a não se deixar empolgar pela raiva, a não descompor Deus.

— Reze, meu filho, reze.

que expôs na Bienal uma tela, na qual se alinhavam 4 sacos de cimento, tendo sobre o 1.º, uma pá; sobre o 2.º, um burro; em cima do 3.º uma garrafa de uisque e, no 4.º, um revólver.

E veio a explicação:—

PA DE CIMENTO = padecimento;

HA BURRO = aburrocimento;

UISQUE = u isquecimento.

— Bem, então, o último é "revólvercimento".

— Não, meu amigo, é cimento armado.

-:0:-

Foi um eminente cavaleiro português convidado a responder algumas perguntas, num programa de televisão. O locutor berrava:—

— A 1.ª pergunta é fácil:— Quem foi o 1.º homem? Damos quinze mil cruzeiros pela resposta certa.

— Ah! dão?

— Absolutamente certa. Isso, mesmo, Adão. Passemos à segunda:— Quem cometeu o primeiro homicídio?

— Quaim?

— Acertou de novo; acertou a 2.ª. Caim. O senhor é formidável; já ganhou trinta mil cruzeiros. Agora a última, que lhe dará sessenta mil cruzeiros ou nada. Como se chamam os menores homens do mundo? Esta o sr. sabe?

— Ah! não.

— Acertou outra vez...

-:0:-

Esta acabou de chegar de Portugal.

Um espanhol estava morando em Lisboa, há um ano mais ou menos, e começou a se sentir muito doente. Estava emagrecendo, tudo lhe doía, a comida lhe sabia mal...

Consultou um médico, naturalmente da terra de D. Quixote. Receita, remédios,

Agora, eu conto

Cap. Plínio D. Monteiro

Outro "patrício" dirigia o carro (é automóvel, sim) para Santos, quando, logo após o pedágio, falharam todas as luzes (do carro). Um indivíduo prestativo, mas que vinha em sentido contrário, aconselhou o nosso herói a seguir outro carro que descesse para a Terra de Brás Cubas, aproveitando-lhe os faróis. O dono do carro de lâmpadas queimadas lascou atrás de um Cadillac, a 120 kms. por hora, e não abandonou mais a cola do "rabo de peixe". Por fim o indivíduo fez uma curva fechada e parou bruscamente; o português en-

O motorista pensou que já lançara mesmo mão de todos os meios possíveis, e ajoelhando-se em frente ao carro, fez uma oração. Apertou, então, a partida, e o motor pegou imediatamente.

O padre não se conteve, soltou um bellissimo palavrão, e concluiu:

— Vá ter fê assim no diabo que o carregue!

-:0:-

Depois vem a do pintor nascido no "jardim de Europa à beira mar plantado",

dietas e nada de melhoras. Outro facultativo castelhano, novos remédios, novos sacrifícios, e cada vez pior.

Decidiu-se por fim a consultar um cientista português mesmo.

— Isto não é nada, meu amigo. Vá para casa, compre uma pipa e encha de esterco. Fique enterrado vinte e quatro horas dentro dela; depois, tome um bom banho, perfume-se e volte cá.

O espanhol cumpriu à risca o tratamento (pior foi o banho) e se sentiu maravilhosamente bem, e intrigado perguntou ao "sábio":—

— Gracias doctor; me gustaria saber todavia, qué mal tenia yo?

— Ora, cavalheiro, o sr. tinha uma moléstia muito fácil de diagnosticar; chamam-na "Saudades de Espanha".

-:0:-

— Meu primo Fritz está juntando bastante dinheiro para comprar um elefante bem grande.

— Mas para que o elefante.

— Ele não sabe, ainda não juntou bastante dinheiro.

-:0:-

Dando uma folga aos "peninsulares", citemos a do milionário americano que se sentia muito doente — sofria de constantes tonturas, dores de cabeça, etc.. Consultados, os maiores especialistas dos dois mundos resolveram extrair meio estômago.

Como a coisa persistisse, tiram-lhe a vesícula, depois amputaram o apêndice, as amígdalas, um rim. Mas a doença continuava. Então disseram-lhe os médicos (não sou propagandista, mas sou obrigado a citar que eram as maiores sumidades na ciência de Hipócrates):

— Restam-lhe 6 meses de vida, procure fazer alguma coisa útil, procure se divertir...

E para começo de conversa o pobre milionário resolveu renovar todo seu guar-

da-roupa. De passagem por um famoso camiseiro encomendou camisas de colarinho n.º 38.

— Não é possível — disse o camiseiro — a sua medida é 40.

— Faça o que lhe digo, sempre usei 38.

— Está bem, está bem, já que o sr. insiste farei 38, como o sr. quer, mas depois não venha se queixar de dor de cabeça, tonturas, opressão no coração, etc..

CURADO o nosso homem, passemos a outro programa.

-:0:-

O tenente não estava no local, e o telefonista anotou uma ordem para o oficial comparecer a uma missa, no dia imediato.

— Mas, que missa é essa.

— É missa de 7.º dia, de um Brigadeiro, não me lembro o nome.

Depois de várias buscas o tenente descobriu que a missa era de aniversário da Fôrça, e o Brigadeiro se chamava Rafael Tobias de Aguiar.



JOVEM!

Você que pretende ser oficial da Fôrça Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

CURSO MILITIA

patrocinado pelo Clube dos Officiais

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Número de vagas limitado a 25 em cada classe, para melhor aproveitamento dos alunos.

Informações: telefone 32-2884

PICADAS POR ANIMAIS VENENOSOS

DR. PLIRTS NEBÓ
1.º TENENTE MÉDICO

Parece-nos à primeira vista um assunto limitado e sem interêsse, porém na realidade tal não ocorre. Todos devem estar aptos a atender um caso de picada por animal venenoso, que desendadeia uma sintomatologia que exige a presença do médico.

Assim, na clínica civil parece ser raros êsses casos, mas em Pronto Socorro são freqüentes; particularmente a picada por serpentes é perigosa e geralmente leva à morte.

Vejamos nestas considerações:

- 1 — picada por serpentes venenosas;
- 2 — picada por aranhas;
- 3 — picadas por escorpiões; e
- 4 — picadas por abelhas e vespas.

I — Picadas por serpentes:—

Dentro da cidade de São Paulo não há casos de picadas por serpentes; nas circunvisinhanças, porém, são freqüentes, e todos êles vêm ao Pronto Socorro em virtude do alto custo do tratamento. As serpentes venenosas do Brasil que interessam ao médico, compreendem dois gêneros:

1 — Gênero Botrops:

- (jararaca
- (jararacussu
- (urutu
- (cotiara
- (caicara

2 — Gênero Crotalus:

- (cascavel

Não descreveremos os tipos de cobra, o que pouco interessa. As pessoas que são picadas por cobras não as identificam e o estudo das cobras não pertence aos clínicos.

Vejamos a sintomatologia das picadas por cobras do gênero Botrops, e das do gênero Crotalus.

Temos assim, o envenenamento tipo crotálico e tipo botrópico. No envenenamento do tipo crotálico os fenômenos locais são quase nulos; o indivíduo nem é capaz de localizar onde foi picado. A sintomatologia geral apresentada pelos doentes, entretanto, é característica e nos leva ao diagnóstico, importante em vista do soro a ser aplicado.

A picada de cascavel, portanto, não deixa fenômenos locais. A picada é praticamente indolor. Mo-

mentos depois, entretanto, o indivíduo apresenta fenômenos imediatos ou tardios.

Como fenômenos imediatos, temos: morte dentro da primeira meia hora, fato este ainda não bem explicado. Assim, fora da América do Sul, tem-se observado a coagulação maciça intravascular do sangue, colapso imediato e morte. Este fato ainda não foi observado aqui no Brasil.

Verificam-se, em geral, os fenômenos tardios que são compostos de uma sintomatologia nervosa e de uma sintomatologia geral.

A sintomatologia nervosa é que nos dá o diagnóstico.

Todo indivíduo picado por uma cascavel apresenta, logo depois, perturbações visuais, diminuição da acuidade visual, que pode ir até a cegueira. Apresenta, ainda, hipertonia dos grupos musculares, principalmente dos músculos do membro inferior e, posteriormente, paralisia flácida principalmente do elevador das pálpebras e dos músculos do pescoço, de modo que o indivíduo apresenta-se de cabeça baixa e de olhos fechados.

Nos fenômenos gerais, quando o envenenamento é muito intenso e o veneno atinge o bulbo, a morte se dá por paralisia respiratória. Quando a picada introduz o veneno diretamente na circulação, o indivíduo pode apresentar fenômenos para o lado do sangue, como seja a hemólise acentuada e hemoglobinúria, podendo ocorrer, também, a hematuria.

Quando o indivíduo é atendido tardiamente, apresenta fenômenos vasculares como colapso periférico,

que, não sendo tratado, leva à morte. Isto em geral ocorre depois de 12 horas da picada, sendo que por esse tempo já temos feito o diagnóstico principalmente pela sintomatologia nervosa e prevenido, portanto, esse colapso.

Quanto ao envenenamento tipo botrópico, ao contrário do anterior, os fenômenos são mais de ordem local. Assim, no local onde foi picado, acusa o indivíduo dores intensas. Forma-se um edema que se acentua cada vez mais, há extravasamento de sangue para o tecido celular subcutâneo, dores intensíssimas e, se a picada fôr na extremidade, a dor estende-se a todo o membro, e há formação de flictenas que posteriormente supuram com extravasamento de sangue. Se o indivíduo não fôr tratado em tempo, há necrose da parte edemaciada, deixando enormes escaras que podem atingir até os planos profundos. Quando o envenenamento é grave há necessidade de amputar-se o membro.

Os fenômenos gerais constam, no período terminal, de choque que em geral leva à morte. Além disso, o envenenamento por víbora do gênero *Botrops* lesa os capilares, de modo que teremos púrpura generalizada, hematuria intensa, hemorragias gengivais e nasais, vômitos frequentes com sangue e diarreia com sangue.

Como vimos, o quadro clínico permite perfeitamente distinguir os 2 grupos de envenenamento.

Existem, no nosso meio, as chamadas corais verdadeiras, cuja mordedura é raramente encontrada.

Tratamento:— Consta de duas partes:

- 1 — aplicação do antiveneno, e
- 2 — tratamento geral.

Aplicação do antiveneno:— É importante o diagnóstico do tipo de envenenamento Crotálico ou Botrópico, porque no primeiro caso aplicamos soro anticrotálico e, no segundo, soro antibotrópico.

Esses soros vêm acondicionados em ampolas de 10 cc., sendo que o antibotrópico tem uma quantidade de antiveneno suficiente para neutralizar 15 mg. de veneno de B. jararaca, e o anticrotálico, uma quantidade que neutraliza 8 mg. do veneno de cobras do gênero *Crotalus*.

Há um terceiro tipo de soro chamado antiofídico polivalente, que será aplicado quando não se chega ao diagnóstico do tipo de envenenamento. Como regra geral, devemos sempre ter em mente que a gravidade do envenenamento é inversamente proporcional à massa corporal, de maneira que nas crianças o envenenamento é mais grave que no adulto.

Na aplicação do soro nos envenenamentos por serpentes, é um caso em que vale pecar por excesso; o soro antiofídico deve ser usado em abundância:

Nos casos graves, usa-se de 80-100 cc. de soro por dia;

Nos casos de média gravidade, de 30-40 cc. de soro por dia;

Nos casos de pequena gravidade, 10-20 cc. de soro por dia.

O soro nos casos graves pode ser usado por via venosa, ou por via muscular, cada 4 horas.

O tratamento é prolongado, particularmente no tipo crotálico, porque há o perigo de, quando suspendermos o tratamento pelo soro, voltarem os sintomas.

O que mais chama a atenção no envenenamento tipo crotálico, é a cegueira e a paralisia muscular, benignas, que cedem com o tratamento e que servem para controlá-lo.

Tratamento geral:— No tipo botrópico combate-se a dor com analgésicos; administram-se soro, analépticos periféricos, etc.

II — Picadas por aranhas:—

É raramente observada no Pronto Socorro.

Dois tipos de aranhas podem provocar sintomatologia que exige a presença do médico: a) gênero *Ctenus*, e b) gênero *Licosa*.

Esses dois gêneros, contrariamente ao que todos pensam, são de pequeno porte, menor do que o das caranguejeiras. Em geral existem em hortas e jardins.

Na picada pelo gênero *Licosa*, os fenômenos são exclusivamente locais. Às vezes o indivíduo não percebe que foi picado e, horas depois, forma-se um edema que aumenta atingindo quase todo o membro, há contrações fibrilares dos músculos ou de grupos musculares, e quase não há dor. Forma-se uma auréola branca em torno da picada, que com o tempo se necrosa e cai. Resta uma escara que pode atingir os planos profundos.

Na picada por aranha do gênero *Ctenus*, os fenômenos são gerais. No local da picada há dor intensa.

A sintomatologia geral é dada por vômitos, diarréia com ou sem sangue, hematúria, suores frios e colapso. Porém, o que chama a atenção neste tipo, ao contrário do gênero *Licosa*, é a dor local.

Para o tratamento, há o soro antictênico e o soro antilicóxico, no caso de sabermos qual o gênero de aranha, o que é raro acontecer.

Há, quando não sabemos o gênero de aranha que mordeu o indivíduo, um soro antictneolicoxico em ampolas de 5cc., quantidade essa que é suficiente para o tratamento de qualquer caso de picada por aranha.

As picadas de aranhas do gênero *Licosa* não põem em perigo a vida do doente, ao passo que as do gênero *Ctenus* levam à morte pelo colapso.

Aplicada a primeira ampola, caso o indivíduo não melhore, 6 horas depois outra ampola pode ser feita. O tratamento geral é feito combatendo-se a dor e o colapso quando existem.

III — Picada por Escorpiões:—

Os escorpiões de interesse médico no Brasil, são dois:

1 — *I. bahiensis* — que existe na Bahia.

2 — *I. celulatus* — que existe em São Paulo.

O aparelho de inoculação está na porção terminal do abdomen, e existe nas casas em diferentes lugares: dentro de sapatos, nos lugares úmidos. Dentre tôdas as picadas de animais venenosos, é a mais benigna. No Pronto Socorro do Hospital das Clínicas ocorreram vários casos

de mordida por escorpiões, mas não tivemos um só caso de morte.

O que predomina é a dor local. Forma-se uma área arroxeadada, muito dolorosa e, quando a quantidade de veneno inoculada é grande, temos fenômenos gerais como cefaléa, sudorese e diarréia com sangue em crianças, o que muitas vezes leva o médico a diagnosticar afecção gastrointestinal. O tratamento faz-se com soro antiescorpiônico, que se apresenta em ampolas de 5 cc., contendo uma quantidade de antiveneno suficiente para neutralizar 5 doses de veneno escorpiônico.

Em geral basta uma ampola, mas quando o indivíduo não melhora, 6 horas depois pode nova ampola ser feita. Em crianças usamos dose dupla.

O tratamento geral é feito com analgésicos que combatem a dor.

IV — Picada por Vespas e Abelhas:—

Durante o tempo que fizemos plantão no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas vimos apenas um caso.

Os fenômenos são exclusivamente locais, com dor local, e não exigem tratamento especial. Quando o indivíduo é picado por grande número de vespas, nesse caso a intervenção médica é ineficiente.

As picadas podem determinar urticária e princípio de choque; nesses casos indica-se a adrenalina subcutânea.

Em condições especiais o veneno pode desencadear o choque anafilático.

MUITAS vezes clamaram, na Conferência de Bogotá, contra a existência de possessões estrangeiras na América. Com efeito, a tradição de Monroe, assim como o signo da liberdade, sob o qual vivemos, se in-

tradores das Guianas estam sujeitos a perigosos ventos europeus, quer porque as colônias aqui mantidas não receberam estímulos progressistas, não podendo vir a ser, assim, de imediato, países inde-

problemas equatoriais nos coloca em plano superior e qualquer outro país americano, acrescentando que o Brasil é limítrofe das três possessões. Desconhecemos racismos: nossos administradores, juizes, professores e militares são educados no afã de criar um mundo novo entre as selvas da Amazônia, os pantanais de Mato Grosso ou os pampas do Sul. São tratados indistintamente, e com o mesmo afeto, índios civilizados, homens de cor, japoneses imigrados ou europeus recém-vindos, neste imenso cadinho equinoxial onde se ensaia o mais auspicioso experimento sociológico e etnográfico da História. Nossos estudos de medicina tropical são notórios, e os técnicos em agricultura de regiões quentes são diplomados por famosas escolas e institutos especializados em agronomia tropical, como os da Paraíba e Pará. Os engenheiros do Brasil sabem como obter maior rendimento do operário em zonas cálidas; conhecem a surpreendente oscilação dos regimes pluviiais na faixa equatorial e suas conseqüências na construção de estradas, pontes, açudes, obras de drenagem, portos fluviais, etc. Estamos, no momento, estudando cuidadosamente os problemas amazônicos e proje-

PARA "MILITIA"

SUGESTÃO PARA O "CASO" DAS GUIANAS

Professor Paulo Henrique

surgem contra o fato. O Brasil, no entanto, ponderou, com muita lógica, que a solução apriorística proposta era unilateral, de vez que se tornava preciso ouvir, também, os outros interessados na questão, isto é, os países colonizadores. E tanto mais sensata parecerá a objeção quanto mais recordarmos que a França e a Inglaterra foram nossas aliadas em duas guerras consecutivas, sendo-o também a Holanda, no último conflito. Ademais, como nossas vizinhas na América do Sul, essas nações sempre souberam respeitarnos. A questão, por outro lado, não poderá demorar-se indefinidamente, quer por que os países adminis-

pendentes. Lembramo-nos, por isso, de uma sugestão que, à primeira vista, talvez cause estranheza mas que, melhor analisada, alcançará mais detidas atenções: a aquisição das Guianas pelo Brasil.

Vejamos, parceladamente, como o alvitre poderia interessar às partes em jogo, a saber: 1.o) As Guianas; 2.o) Os países europeus; 3.o) A América em geral; 4.o) O Brasil.

Primeiro — Por que, como Territórios, Estados Confederados ao Brasil, ou Estados da União, viriam as Guianas a gozar de mais liberdade e progresso do que nas atuais conjunturas. Nossa familiaridade com os

tamos desenvolver as regiões bravias de outros grandes vales — Tocantins, Araguaia, Doce, São Francisco. Somos, inegavelmente, a maior civilização tropical do Globo e podemos pôr a serviço de nossos eventuais patrícios das Guianas um grande patrimônio de experiências. Povo tolerante, concordaríamos em que a substituição das outras linguas pelo português se desse paulatinamente: a população, pelo ensino público, pelo contacto com as autoridades brasileiras, tornar-se-ia logo bilingüe, dando-se, ao fim, o inevitável predomínio do idioma nacional, sem choques ou coações. Os hábitos, as crenças religiosas, seriam assegurados, consoante a Constituição e a índole brasileiras. Em suma, acredito convictamente que os guianos só teriam a lucrar como integrantes da União a que pertencemos.

SEGUNDO — Como os países europeus terão de, um dia, perder suas possessões que nos são vizinhas, pela lógica das emancipações coloniais, seria melhor que elas fôsem vendidas ao Brasil em condições razoáveis de pagamento. Ficaria confiada a um país amigo e aliado, de formação democrática, de espírito profundamente to-

lerante e de grandes perspectivas de progresso, a obra colonizadora que os europeus iniciaram nas Guianas. Convenhamos, é a solução ideal para uma questão que, já no extremo sul do Continente, não encontra as mesmas saídas amplas, capazes de satisfazer aos interesses de ambas as partes.

TERCEIRO — A América teria sua tranqüilidade melhor assegurada, sem o perigo de ver parte do território ameaçado de cair, num futuro imprescrutável, em mãos suspeitas. As Guianas, sob a bandeira auri-verde, jamais constituiriam ameaça à vida nas Antilhas, à navegação no rio Orenoco, no Mar das Caraibas, ou no canal do Panamá. Suba ou desça o trabalhismo na Inglaterra ou socialismo na França; caia ou não a Holanda sob novas Alemanhas; governem ou não outros Pétains, — a segurança do Continente ficaria mantida.

QUARTO — Estamos no mais difícil ponto da tese: convencer que a solução proposta também interessará ao Brasil. No actual momento a aquisição parecerá por demais imprudente: uma aventura a nos desviar a atenção de graves problemas internos; uma forma de onerar ainda mais nosso orçamento já tão so-

brecarregado; de dissipar, em jôgo temerário, o dinheiro do povo, cujo empêgo em educação, saneamento e estradas vem sendo insistentemente reclamado. Seria criar à fiscalização da República novo encargo, trazer ao ensino federal duras responsabilidades, aumentar às forças armadas a área de vigilância. Seria, enfim, pedir ao brasileiro, já tão martirizado, que se desdobre em outros sacrifícios dos quais mais se beneficiariam, por sinal populações estrangeiras chamadas para dentro da casa, como irmãos. Mas, efetivamente, a solução nos interessa a despeito do esforço exigido. Primariamente porque, como já dissemos, eliminaríamos a possibilidade de ver povos e terras vizinhos ao sabor de flutuações políticas ocorridas na Europa. Depois, já que custeamos estudos para a Amazônia, êles poderão ser ampliados às Guianas, sem maiores despesas. O que planejarmos executar no Amazonas estender-se-ia mais, com bem poucas dificuldades além das que iríamos encontrar em nossas terras atuais, dada a semelhança ecológica. Os problemas de defesa, povoamento, transportes e educação seriam aumentados ou diversificados em muito pouco. No

chfanto, incorporaríamos ao Brasil e ao progresso universal um pedaço da América. Nas Guianas existem riquezas extrativas — sobretudo minerais — que poderão compensar, futuramente, pelo que viermos a inverter na aquisição desses novos territórios. A História exemplifica como foi vantajosa a compra da Louisiana ou do Alaska pelos E.U.; e, em escala mais modesta, a do Acre pelo Brasil.

O único empecilho a vencer seria o problema por certa área da Guiana Inglesa, aliás muito reduzida, que está arrendada por

99 anos ao E.U., como base militar. Cremos, porém, que Tio Sam poderia nos transferir os seus direitos, mediante acôrdo. Seria reciprocidade bastante razoável, pois lutamos no lado dos ianques em duas guerras e, na última, emprestamo-lhes inúmeras bases aéreas e navais, de grande importância, desde Belém até ao Rio Grande. Nada indica que possam surgir desavença entre as duas maiores nações americanas e não seria justo que — caso se consumasse a idéia — deixássemos que um trecho sob outra bandeira ficasse encravado em nossos territórios.

Mais uma vez nos dirigimos aos brasileiros cheios de sulatar prudência e preocupados com problemas urgentes, como o aproveitamento do petróleo e do potencial hidroelétrico, a mudança da Capital Federal, etc.. Rogaríamos que considerassem a sugestão apenas como um anexo aos importantes, custosos e urgentes planos para a Amazônia. Não se trata de pedir ao cesteiro que faça um cesto para que nos faça um cento, e, sim, de pedir àquele que se propõe a fazer cem cestos que faça cento e um, sobretudo porque este último resolveria muitos problemas...

Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

POR MEU FILHO

José Paulino Bianconi

Nossa vida é fado triste,
Diz-me o pobre coração.
Qual a alma que resiste
Sucumbir à tentação?

As maldades, em caudal,
Nos conduzem ao abismo,
Onde a dor é um fanal,
A miséria um cataclismo.

Triste reino putrefato,
De mentira e de sujeira,
Preconceito e aparato,
De vaidade passageira.

Êste quadro tão humano,
Eu descrevo à companheira;
Irritado, quase insano,
Eu lhe digo, oh! conselheira:

— Por que viver neste inferno?
Sem ter paz nem alegria,
Num tormento assim eterno,
Té que a morte chegue um dia?

E ela, sempre ponderada,
Tendo nos olhos o brilho
Da eterna vida sonhada,
Responde abraçando o filho:

— Êste ódio que te agita
Não provém do coração;
Reflete um pouco, medita,
Genuflexo, em oração.

Vive por Deus que te fêz,
Por tua aima imortal,
Por nosso amor, em que crês,
Por nosso filho, afinal!

FESTIVIDADES NA

ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS REFORMADOS E DA RESERVA DA FÔRÇA PÚBLICA

MAJOR OLÍMPIO DE OLIVEIRA PIMENTEL

Nem sintético, nem prolixo, porém na medida exata retratarei o memorável festival realizado no Auditório «Major Antão» a 18 de maio transato. Presentes altas autoridades civis e militares e numerosa assistência, na hora aprazada foi descerado o pano de bôca que velava o palco rico de harmoniosa ornamentação, e a mesa que dirigiu os trabalhos estava assim constituída: deputado Ozair Marcondes, representando a Sociedade Amigos de Pindamonhangaba; cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública; cel. Pedro Magalhães, presidente da Cruz Azul de São Paulo; cel. Cândido Bravo, pelo São Paulo Esperanta Klubo; ten. cel. José Rufino Freire Sobrinho, pelo comando geral da Fôrça Pública; cap. Cálío de Campos Montes, representando o Círculo Militar de São Paulo; sr. Erasmo d'Almeida Magalhães, pela Sociedade Geográfica Brasileira; professôra Eurídice da Silva Costa, comandante da Polícia Feminina, e sr. Emílio d'Almeida Bessa, representante da Associação dos Veteranos de 32.

Aberta a sessão, pediu o presidente um minuto de silêncio, de pé,

em honra da memória do presidente da entidade, cel. João de Quadros, recém-falecido. Entrementes, ouviu-se o planger surdo de uma corneta que se associava à nossa saudade. Findo êste momento de contemplação, o cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube dos Oficiais, convidado, assumiu a presidência da mesa e concedeu a palavra ao cel. Luís Tenório de Brito para focalizar a memória do ten. cel. Pedro Francisco Ribeiro.

Com rara felicidade, o orador fêz o panegírico do saudoso extinto, numa explanação de lances emocionais, iniciando-o com êsse preâmbulo: «Bem haja a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública na resolução que adotou de retornar ao programa de homenagens aos grandes vultos do nosso passado, há algum tempo interrompido, por motivos ponderáveis. Ao major Olímpio de Oliveira Pimentel, seu vice-presidente e animador dêste setor de suas atividades cabem, sem dúvida, os louvores da iniciativa. Quantos de perto o conhecem, na sua movimentação em prol de sadios ideais de justiça e de beleza, estarão comigo nesta afir-

mativa. No seio de entidades recreativas ou beneficentes, sempre agitou, êle, a centelha de arte que lhe ilumina o espírito, bem formado, no sentido de amenizar asperezas ou adoçar amarguras do viver cotidiano. Aceitando-lhe as sugestões e, mais do que isto, prestigiando-lhe tão úteis quanto trabalhosas diligências, afasta-se a Associação da inércia que a rotina costuma implantar em organizações dessa natureza, dando sentido ao lado belo da vida. Isto, já se vê, nos tempos de paz — eis que ao soar das campainhas de alarma — quando perigam interesses da classe — todo o quadro de sua administração se agita e não há descanso enquanto os clarins da vitória não anunciam aos quatro ventos que atingidos foram os objetivos visados». Declarou-se desvanecido pela escolha de seu nome para a reabertura do «prélio admirável» e regozijou-se «de fazê-lo com o vulto magnífico do ten. cel. Pedro Francisco Ribeiro — uma das figuras mais representativas do período áureo da Força Pública de São Paulo».

Historiador invulgar, descreveu o orador a vida militar do homenageado, numa cronologia precisa, admirável, empolgante! E concluiu: «Viverá no entanto, o ten. cel. Pedro Francisco Ribeiro, no culto que a Força Pública lhe vota, destacando-o dentre os maiores vultos do seu passado glorioso; na lembrança daqueles que sob suas ordens diretamente serviam e cujos exemplos de superiores dons de prudência no comando ainda lhes servem de guia na senda plena de escolhos que trilham pela vida em fora. Honra à memória do ten. cel. Pedro Francisco Ribeiro».

Ao concluir sua brilhante oração foi o cel. Tenório muito cumprimentado.

COMPROMISSO DE POSSE DO
NOVO PRESIDENTE DA
A.O.R.R.F.P.

Deu-se, a seguir, o compromisso e posse do novo presidente, cel. Homero da Silveira, que jurou sujeitar-se, religiosamente, às determinações estatutárias.

ENTREGUE A PROFESSORA CARMEN FERNANDES, O DIPLOMA DE HONRA — SAUDAÇÃO DO MAJOR ARI GOMES — SINTESE DE SUAS PALAVRAS: «Professora Carmen Fernandes. O nosso vice-presidente, major dr. Olímpio de Oliveira Pimentel, designou-me para vos saudar nesta festividade; não foi feliz na sua escolha, pois, entre os nossos associados, temos oficiais de cultura mais elevada para vos colocar num pedestal de glória. Tarefa difícil para mim, num linguajar sem nexo, demonstrar as virtudes de um rouxinol! Si fôsse poeta, invocaria as estrélas, qual um Bilac, para exaltar o brilho, o fulgor, a irradiação que tem a virtuose professora Carmen. Si fôsse literato, invocaria as campinas verdejantes e floridas, para fumar um ramalhete de côres e perfumes variados e depositar aos pés da insigne virtuose. Si fôsse cantor, saberia escolher as estrofas cheias de melodia, num ritmo dolente e sugestivo, para saudar a mestra incomparável! Professora Carmen Fernandes, no magistério, abraçastes a mais difícil das artes, a música. Interpretar...».

O major Ari Gomes concluiu a saudação com as seguintes palavras: «A professora Carmen, como nossa associada, será sempre uma estrela de primeira grandeza que vem com sua arte maravilhosa, iluminar e alegrar os nossos corações».

HORA DE ARTE

A segunda parte do festival obedeceu ao seguinte programa: **Zampa** — ouverture — do célebre compositor Herold, executado pela Banda Musical da Fôrça Pública, sob a regência do 2.º ten. maestro Alcides J. Degobb; **Tais**, de Massenet, e **Dança n.º 4**, de Brahms, na interpretação do violinista João Gaspar Djami-kiam; **Carretas del Roccio de Bulerias e La Dolores**, de Jota, dançados pela fascinante espanholita Rosa Rodrigues, que empolgou a seleta assistência; **Impromptu**, de Schubert

e **Congada**, de Francisco Mignone, interpretados pela pianista Marilene Zacarias; **Tambatajá**, de Valdemar Henrique, **Canção da Guitarra**, de Marcelo Tupinambá e **Habanera**, da ópera **Carmen**, de Bizet, interpretados pelo soprano Mary Lígia Traldi; **Melodia**, de Vila Lobos e **Romanza Andaluza**, de Zarazate, executados pelo violinista Jorge Salim Filho; muito agradou as estrelas e pirilampus de Maria Pia Finocchio, que dançaram: **Frevo das Vassourinhas**, **Pizzicato**, **Cena Dançante** e por último, lindo minueto.

Fechou o soberbo programa de recolhimento, arte e beleza, a Banda Musical Sinfônica da Fôrça Pública, sob a competente batuta do 2.º tenente maestro Alcides J. Degobb, com a interpretação de **O Escravo**, do genial patricio Antônio Carlos Gomes.



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

A leitura torna o homem completo. A história o faz sábio e prudente; a poesia, espiritual; as matemáticas, sutil; a filosofia, profundo; a moral, grave; a lógica e a retórica apto para discutir.

BACON



Subtenente Antônio Simão,
atual presidente da
A. S. S. P. M. M.

Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Maranhão



Foi solenemente inaugurada em fins do ano próximo passado, à rua Dr. Herculano Parga n.º 537, na Capital do Estado, a sede provisória da Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Estado do Maranhão.

Trata-se, não há negar, de entidade cujo futuro promissor se pode antever, face à maneira dinâmica com que vem conseguindo atingir os

seus mais vários objetivos. Transferindo a sede, posteriormente, para a rua Cândido Ribeiro n.º 570, a Associação vem agora desenvolvendo atividades no sentido de adquirir, o mais breve possível, um edifício para a sua instalação definitiva.

O clichê fixa aspecto da festividade de inauguração da sede, onde se vêm elementos da diretoria, assim como alguns membros do quadro associativo da novel entidade.





O representante do Clube dos Oficiais, cap. Paulo Monte Serrat F^o., quando assinava ata do conclave, ladeado pelo representante do Centro Acadêmico XI de Agosto, Dalmo Dolari e pelo representante da Câmara Municipal de Descalvado.

O CLUBE DOS OFICIAIS NO

IV CONGRESSO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS

REPORTAGEM DO
CAP. MONTE SERRAT FILHO

Realizou-se na Capital Federal, no auditório do Ministério da Educação e Cultura, de 27 de abril a 5 de maio, o IV Congresso Nacional de Municípios, promovido pela Associação Brasileira de Municípios. Especialmente convidado pelo sr. Osório Nunes, presidente da Comissão Nacional organizadora do conclave, o Clube dos Oficiais da Força Pública fez-se representar pelo associado capitão Paulo Monte Serrat Filho, um dos nossos oficiais que, há anos, vêm propugnando pelo municipalismo em São Paulo.

O movimento municipalista, que tem tomado notável incremento ultimamente, é de alto cunho cívico e apartidário. A sombra de sua patriótica bandeira, congregam-se, frater-

nalmente, prefeitos, presidentes de Câmara, vereadores de tôdas as legendas partidárias e simples cidadãos, em torno de um mesmo e único ideal: o engrandecimento do Brasil através do fortalecimento dos seus municípios.

Em 1952 um grupo de oficiais promoveu, na «Fôlha da Manhã», campanha esclarecedora da opinião popular sob a epígrafe: «O Que Fazer Para Melhorar a Força Pública». Altas personalidades e oficiais da Corporação manifestaram-se a propósito do problema que se evidenciou como sendo, em última análise, o de definição de funções para os seus oficiais e graduados.

Na prestigiosa secção do interior do «Diário de São Paulo», na coluna «Interior em Revista», manifestou-se sobre o assunto o saudoso líder municipalista, Stélio Machado Loureiro. Os nossos companheiros foram à redacção procurá-lo para trocar idéias. A personalidade encantadora de Stélio, que havia conquistado os homens públicos do interior do Estado, impressionou fundamente o grupo de oficiais que fôra à sua tenda de trabalho. Finda a agradável entrevista, em que ficou patente a identidade de propósitos e de ideais do conceituado redator e dos jovens milicianos: a segurança da comunidade para intenso e constante progresso do Brasil, dali saíram os primeiros oficiais da Fôrça Pública inscritos no movimento municipalista, e a causa da Corporação ganhou mais um fervoroso adepto.

De então para cá, depois de termos assistido a várias «Noites Municipalistas» e de termos participado do IV Congresso Estadual de Municípios do Estado de S. Paulo, mais se firmou em nós a convicção de que a prosperidade pátria só será viável através do fortalecimento econômico do Município. Ademais, o que se pretende instituir entre nós não é uma utopia, sonho quimérico de idealistas românticos, senão realidade esplêndida nos Estados Unidos da América do Norte, no Canadá e em outras prósperas nações civilizadas.

Enquanto nesses países cerca de 40% das rendas produzidas no município, ali permanecem para assegurar o conforto e o bem estar dos que lá mourejam, entre nós, o Estado e a União desempenham o papel

de insaciáveis ocupadores que deixam às comunidades municipais, segundo dados de 1954 e 1955, tão somente 6,6% das riquezas nelas produzidas. 93,4% do produto do sacrifício diurno dos que labutam no interior, são canalizados para as capitais. — 56,2% para a federal e 37,2% para as estaduais — dando-lhes a falsa aparência de sólido progresso, quando este se fundamenta nas privações e na miséria dos homens da interlândia.

E' portanto, o movimento municipalista de elevado sentido cívico e patriótico, que deve interessar a todo cidadão cõscio dos seus deveres para com a Nação e de modo particular, aos policiais-militares que se encontram espalhados por toda a vastidão territorial brasileira.

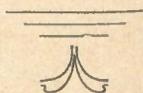
Vejamos o que se dá em São Paulo com a Fôrça Pública. Possui a Corporação seis batalhões de caçadores, quatro companhias independentes, oito postos de bombeiros e mais de setecentos postos policiais comuns, de policiamento rodoviário ou de policiamento florestal, distribuídos pelos quatrocentos e trinta e cinco municípios e em centenas de distritos do interior bandeirante. Presentemente temos, ainda, quase uma centena de tenentes exercendo a função de delegado de polícia em municípios recém-criados. Daí se conclui que mais da metade do efetivo da Fôrça Pública Paulista encontra-se no interior, vivendo os mesmos problemas e os mesmos anseios dos grupos sociais que integram como mantenedores da ordem. Ainda que nossas vistas não alcançassem horizontes mais distantes que o limitado



Dois aspectos do conclave municipalista.

Em cima, parte do plenário

Em baixo, grupo de congressistas bandeirantes reunidos no Centro Paulista, sob a presidência dos vereadores Aniz Badra, de Marília e Simão Fortunato, de Santos.



pelas paredes e pelos muros dos nossos aquartelamentos, restringindo-nos a visão apenas aos interesses da Corporação, ainda assim, caber-nos-ia posição de vanguarda na luta em prol da redenção do interior, em benefício dos milhares de camaradas que lá servem e dos seus familiares. Mas, se se verifica que quando a campanha objetiva, com mais justa

discriminação de rendas, levar aos municípios novas escolas, postos de puericultura, hospitais, água encanada, esgotos, comunicações, urbanização, higiene, recreação, enfim, progresso, riqueza e bem estar a mais de quarenta e cinco milhões de brasileiros, então, não é possível ficar-se indiferente, esperando que as coisas acertem-se por si mesmas. E,

a nós outros, que fizemos profissão de fé no início da carreira, empenhando a própria vida ao serviço da Pátria, se nos depara, então, o chamamento que não pode deixar de ser atendido, porque é o toque de reunir que vindo das florestas e dos campos, das margens dos rios e das fraldas das montanhas, de todos os quadrantes do território nacional, traz a mensagem reivindicatória da «Força contida em cada Município, para colocá-la a serviço do Brasil».

RESULTADOS DO CONGRESSO

A presença de cerca de dois mil representantes de municípios, desde o Território do Acre ao Rio Grande do Sul, na Capital Federal, teve a faculdade de chamar a atenção das altas autoridades do País para a situação de penúria em que se encon-

tram as populações interiorâneas. Os seus problemas foram levados diretamente à Presidência, à Câmara e ao Senado, por seus mais legítimos representantes, os prefeitos e vereadores.

Além da aprovação de teses, que postas em execução muitos benefícios trarão às comunidades municipais, a divulgação dos postulados municipalistas pela imprensa falada e escrita, aumentou consideravelmente o número dos que passaram a pugnar pelo engrandecimento do Brasil, através do fortalecimento econômico da sua célula-mater que é o Município.

A delegação paulista, sob a direção do Presidente da Associação Paulista de Municípios, Aniz Badra, foi a que maior número de teses apresentou ao conclave.



NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO

Na Capital Federal, representando o Clube dos Oficiais no IV Congresso Nacional de Municípios, conseguimos a tarde do dia 3 de maio para aceitar gentil convite que nos fizeram oficiais da Polícia Militar do Estado do Rio e para conhecer a imperial e invicta cidade de Niterói.

No Quartel General fomos recebidos atenciosamente pelo cel. Barcelos Feio, comandante da Corporação, que proferiu referências elogiosas à MILITIA, a revista das polícias militares do Brasil, segundo suas

expressões. Franqueou-nos s. excia. os quartéis da Corporação.

Em frente ao Q.G. fica o maior aquartelamento da P.M. fluminense. É a Caserna General Castrioto, que, presentemente, passa por substancial reforma destinada a ampliá-la e modernizá-la. Era fim do expediente da manhã e fomos encontrar a tropa, oficiais e praças, recebendo aula de educação moral e cívica, proferida pelo capitão capelão padre José Nicodemos Vieira. Ouvimos parte da bela e edificante pre-dica e fomos apresentados à oficia-

lidade presente. Conhecemos, entre outros, o major Manoel Ramos Barbosa F.^o, subcmt. do 1.^o B.I., oficial que se destacou na campanha de levantamento de recursos para a construção da sede do Clube dos Oficiais da P.M. do Estado do Rio. Tal foi o seu feito, nessa campanha, que nos impressionou e o exaltamos em trabalho publicado em MILITIA, n.º 37, de junho de 1953, sob a epígrafe «As Realizações das Co-Irmãs». Houve de nossa parte, no entanto, um lapso que nos apressamos a corrigir. O campeão da venda de bilhetes de loteria, 2.700, e de números da tómbola, 36.000, em benefício da sede própria, não era, como noticiamos, um civil, e sim o capitão hoje major Ramos.

ALMÔÇO

Num ambiente de fraterna camaradagem, sentindo-nos como se estivéssemos em nossos próprios quartéis, iniciou-se o ágape no rancho dos oficiais, onde, como aperitivo, foi servida uma batida paulista, receita do major Ramos, como homenagem ao visitante. Além de vinte e cinco oficiais da Corporação, tomou parte no almoço o prefeito Casimiro de Abreu, sr. Joaquim Barros da Motta, figura conceituada e benquista entre a oficialidade da Polícia Militar.

Ao fim do lauto almoço, o cel. Jonathan Dezerto Bastos, Chefe do Estado Maior da P.M., saudou a Fôrça Pública do Estado de São Paulo e enalteceu as atividades da

Aspectos do almoço oferecido ao representante do Clube dos Oficiais na "Caserna General Castrioto". No alto, o cel. Jonathan Dezerto Bastos, Chefe do E.M. Ia co-irmã fluminense, quando saudava o Clube dos Oficiais e MILITIA.





O cel. Jonathan Dezerto Bastos proferindo discurso por ocasião da posse da atual Diretoria do Clube dos Oficiais da P.M. fluminense.

revista «MILITIA» no sentido de tornar-se o veículo dos anseios das co-irmãs, bem como de propagar-lhes as conquistas e realizações. Terminando, ofereceu uma flâmula da Polícia Militar ao Clube dos Oficiais da Força Pública. Em rápidas palavras agradecemos as manifestações de aprêço, abordando a questão da definição de funções para os oficiais das polícias militares e lembrando aos presentes os novos e grandes encargos que serão, em futuro próximo, atribuídos à Polícia Militar do Estado do Rio, após a transferência da Capital Federal para Brasília. Finalizando, levantamos um brinde ao glorioso passado da centenária Corporação, e ao seu presente de trabalhos e preparação de um futuro esplêndido.

Após o almoço, organizou-se uma caravana, em três viaturas, que depois de visitar o Corpo de Bombeiros e o Esquadrão de Cavalaria, per-

correu os recantos mais pitorescos da capital fluminense.

No quartel dos Soldados do Fogo, depois de em comitiva percorrermos as suas dependências, realizou-se uma demonstração de corrida para incêndio e de saltos em paraquedas, pelos bombeiros de prontidão, que, terminando a exibição de coragem, presteza e habilidade, cantaram o Hino do Bombeiro. Perante a tropa formada o comandante da Unidade ofereceu-nos uma flâmula da Corporação. Agradecendo, tivemos oportunidade de exaltar a bravura e o desprendimento já tradicionais dos bombeiros niteroienses. No aquartelamento do esquadrão de cavalaria, onde funcionam provisoriamente os Departamentos de Administração e de Assistência do Comando Geral, sob a chefia dos tenentes — coronéis José Dezerto e Wilson Moreira da Costa, fomos encontrar uma cavalhada de bom aspecto, que ultimamente vem sendo adquiri-

☆ ☆ ☆

Cel. Jonathan Dezerto Bastos,
Chefe do E.M. e presidente do
Clube dos Oficiais da P.M. do
Estado do Rio de Janeiro.

☆ ☆ ☆



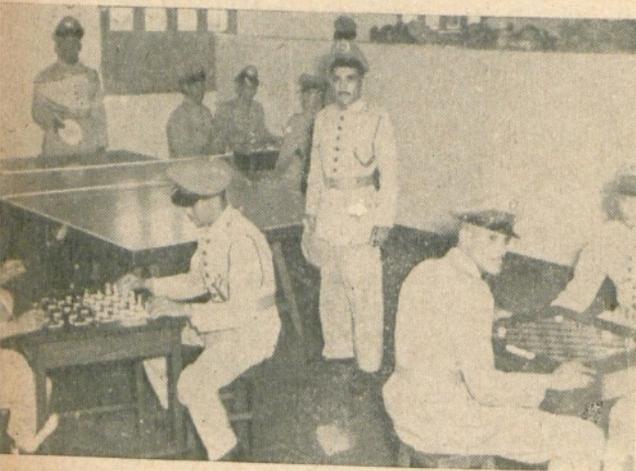
da aos criadores do próprio Estado do Rio. Ainda nesse quartel, funcionam duas classes de ensino primário para soldados, e a capela de São Jorge, padroeiro da Polícia Militar.

Em seguida, rumamos para as afamadas praias fluminenses, das Flechas, do Icanai, do Canto do Rio e do Saco de São Francisco, onde foram batidos alguns flagrantes que ilustram esta notícia.

EXEMPLO A SER IMITADO

Antes de regressarmos à Capital Federal, visitamos a sede própria do Clube dos Oficiais, em edifício de três andares, onde além das dependências da entidade, bar, sala da Diretoria, amplo salão de baile, etc., existem duas lojas e dois apartamentos, que alugados produzem boa renda.

Vista parcial da sala de recreação destinada aos soldados da P.M. fluminense





Em cima, demonstração de saltos em paraquedas por elementos do glorioso Corpo de Bombeiros. Em baixo, o nosso representante e oficiais na Praia do Icarai.

Vendo tudo aquilo com os próprios olhos e ouvindo do major Ramos a história da sua construção, levada a efeito por meia centena de homens idealistas, práticos e abnegados, mais se agigantou em nosso conceito o alto valor em que já tínhamos a briosa oficialidade daquela co-irmã.

A sede do Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Estado do Rio é empreendimento que merece ser conhecido e divulgado pelos companheiros de todos os Estados, para

que nas demais Corporações do Brasil, entidades semelhantes a essa se levantem visando ao conagraçamento das famílias policiais-militares estaduais e à elevação do seu conceito nos respectivos meios sociais.

E' bom lembrar que êsse admirável empreendimento foi levado a termo por oficiais de uma das co-irmãs mais modestas em efetivos e recursos materiais, não sendo, portanto, tarefa irrealizável para as demais.

VISITOU-NOS O AMIGO

Coronel Alves Mata

Foi com efetivo prazer que vimos entrar em nossa redação, sorriso e palavra fluente nos lábios, a figura simpática do nosso coronel Alves Mata. Agora definitivamente instalado em sua terra natal — a gloriosa Alagoas dos Marechais — o velho amigo de MILITIA retornou a São Paulo para ultimar negócios particulares. Contudo, não se esquecendo dos amigos e companheiros de tantas jornadas, el-lo em agradável bate-papo com a turma da redação. Mas, num dos intervalos da palestra, um arremêdo de entrevista. Rápidamente, já que o sabíamos um entusiasta da causa que o levou a concluir com brilhantismo, nesta Capital, um curso especializado de Rádio, fomos sem mais delongas às perguntas.

— Conseguiu a realização da rede de rádio que pretendia instalar no Estado de Alagoas?

— Considerando bem, posso responder afirmativamente. Antes solicitava amparo, mostrava as reais vantagens desse empreendimento, e somente me foi possível instalar quatro unidades radiotelegráficas no interior. Mesmo assim, quando pas-

sei aqui uma temporada como aluno da Escola de Polícia, para fazer, o curso de CRIMINOLOGIA, as estações desapareceram... Voltou o assunto à estaca zero.

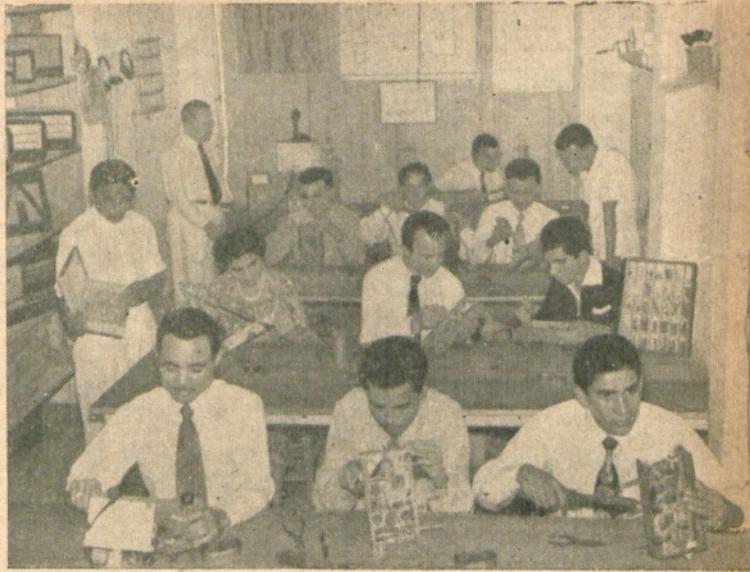
Ao regressar, porém, tive a oportunidade de tratar do problema com o sr. Governador atual. Aplaudiu imediatamente a idéia, com entusiasmo. Concretizando, colocou, em sunto à estaca zero.



Aula prática de telegrafia com fones. Ao fundo, observando e orientando, o cel. Alves Mata.



Ao fundo e à esquerda, o professor cel. Alves Mata dirige dúvidas na aula prática de montagem de rádio.



sua mensagem à Assembléa, o seguinte:— «**REDE DO COMUNICAÇÕES RADIOTELEGRÁFICAS** — Outra iniciativa que o Governô reputa importante, é a do estabelecimento de uma rêde de pequenas estações de rádio, ligando todos os municípios do Estado com a sede em Maciô».

Desde êsse instante, o movimento que até então era sômente por mim impulsionado, tomou alento. Passou a ser um compromisso governamental oficializado. Mesmo assim, como é natural, ainda surgiram tropeços de ordem administrativa, os quais sômente desapareceram quando Sua Excelência notou sua existência e deliberou, categoricamente, o andamento da rêde. Já não há mais o perigo de um fracasso. A aceitação pelas municipalidades, de uma cooperação eficiente com o Estado, exprime a segurança da rêde.

— Mas... desenvolveu outras atividades em matéria radiofônica fora da rêde?

— Sim. Dediquei-me ao radioamadorismo e resultou, daí, a criação de uma escola em que pudesse preparar candidatos à Rêde Nacional de Radioamadores. Em princípio, as aulas eram dadas em nosso salão de jantar, aos meus filhos, (duas moças e um rapaz), a duas senhoritas parentas de um PY, e ao Tenente Capelão de minha Polícia.

Certo dia, porém, o secretário da LABRE em nosso Estado visitou-nos e «denunciou» a existência da escola. Vários amadores solicitaram que fosse mudado o local das aulas para que elementos, não de nossa intimidade, também pudessem receber ensinamentos.

O resultado foi a criação do INSTITUTO MARCONI, com ensino teórico e prático de rádio e telegrafia.

Aliás, nasceu numa época oportuna. Candidatos ao concurso instituído pelo DCT solicitaram matrícula e tivemos uns 139 alunos prati-



Depois dos folgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

CASA DO SARGENTO DE SÃO PAULO

★ ★ ★

A Casa do Sargento de São Paulo, entidade que congrega em seu quadro associativo grande número de Subtenentes e Sargentos do Exército, Marinha, Aeronáutica e Força Pública, vem de comunicar-nos em amável ofício, que sinceramente agradecemos, ter instalada a sua sede social na rua Rodolfo Miranda n.º 28 (esquina com a Avenida Santos Dumont), nesta Capital.

No instante em que a Casa dá início a uma nova fase de sua existência, MILITIA faz votos no sentido de que os atuais dirigentes — dentre os quais se encontram os nossos auxiliares Sargentos Carvalho, Fernandes e Ciacchi — levem a térmo gestão altamente fecunda.

(Continuação da página anterior)

cando telegrafia e leitura de fitas em nosso estabelecimento. Foi uma oportunidade feliz para a mocidade estudiosa de Maceió.

As fotografias que aqui estão, dizem como está o MARCONI...

— E na tropa, qual a sua função atualmente?

— Estou no gozo de licença prêmio. As seduções que a reserva remunerada me faz... estão me inclinando a não mais voltar ao subcomando de minha Corporação. Mesmo voltando, prejudicaria a boa marcha do Instituto. Em todo caso, vamos ver o que surgirá...

Charadista!

Cruzadista!

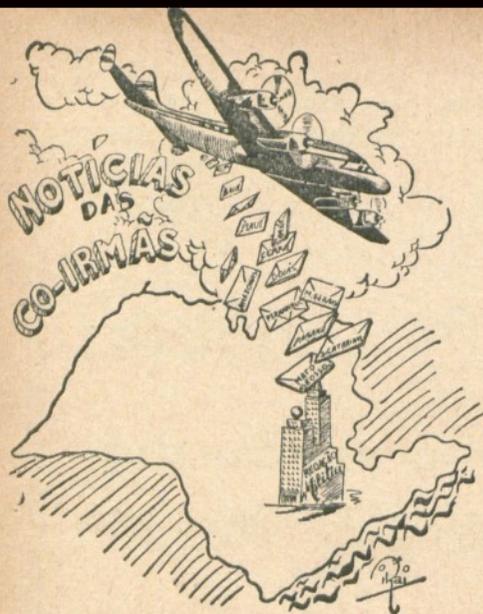
Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sobre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmias Desenhados e Palavras Cruzadas.



*Adquira o seu exemplar, à venda em tôdas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.
SÃO PAULO — BRASIL.*



Direção do major Francisco V. Fonseca

BAHIA

O CLUBE DOS OFICIAIS TERÁ CASA PRÓPRIA

Lançamento da pedra fundamental

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar terá sede própria. O governador Antônio Balbino decidiu-se a auxiliá-lo material e moralmente. Ajudou-o financeiramente, permitindo que a pedra fundamental do edifício fôsse lançada no dia 9 de abril último, mediante prévio auxílio do governo. Moralmente, porque compareceu ao ato, além de se mostrar vivamente interessado na concretização do ideal dos associados do Clube.

Ao ato compareceram, além do governador Balbino, secretários de Estado, parlamentares, o comandante da 6.ª R.M., e numerosos convidados e familiares dos oficiais da P.M.

O major Edson Franklin de Queiroz, presidente da agremiação,

agradecendo o gesto do governador Balbino, fez, por ocasião daquela solenidade, um interessante discurso, cujo trecho final transcrevemos. Vale por uma afirmação de fidelidade e gratidão em altos termos. A outra parte será publicada noutro local, de vez que, encerrando assunto de interesse geral das PP.MM., terá ela destaque especial.

“O Clube dos Oficiais, criado em 1951, é resultado desta renovação da vida policial-militar, o que tem merecido todo apóio e incentivo do Coronel Graça Lessa, tanto que vem acelerando também suas atividades para a consecução do seu desideratum.

Graças também à simpatia e boa acolhida que esta agramação tem merecido do espírito público de Sua Excelência, o sr. dr. Governador Antônio Balbino, estamos aqui reunidos para o lançamento da pedra fundamental de sua sede social, que foi antecedido pela doação de terreno e que, de hoje em diante, vem contar ainda com um substancioso e inestimável apóio financeiro de S. Excia., de sorte que já podemos ter como certo que ainda neste ano teremos construído o de há muito sonhado Edifício-Sede do Clube dos Oficiais.

Senhor Governador:

V. Excia. é o paraninfo da obra que agora iniciamos.

O Clube dos Oficiais agradece ao ilustre governante a demonstração dada de apreço e interesse e pela ajuda financeira para a construção de sua sede social.

O edifício que aqui se erguerá, dentro em breve, conforme o apóio e o desejo de V. Excia., tantas vêzes manifestados em favor desta agremiação, constituirá, a bem dizer, um dos marcos indelévels da passagem de V. Excia. pelo governo de nossa terra. É uma obra de assistência social que teremos levantada por V. Excia., por sinal a primeira erguida em meio destas casernas de trabalho. É obra que se não confunde com as coisas humanas de duração efêmera, porque transporá os anos, ultrapassará as gerações, servirá a uma coletividade cuja

existência tende para um ponto não determinado no tempo. E não se tenha dúvida que o nome de V. Excia. se afixará como grata e inovildável lembrança nas mentes e nos corações da officialidade da Polícia Militar.

Esta é a afirmação que tenho para V. Excia. como presidente da agremiação beneficiada e como um simples Oficial de Milícia e cidadão baiano dos mais modestos, e falo com tôda sinceridade e insuspeição, coerente mesmo com o meu passado e o meu comportamento em relação aos homens, meus concidadãos, militares e civis.

Sim, Excelência, não é segredo em minha corporação, quicá no mundo civil, que eu não contribuí para a eleição de V. Excia.: fiquei em campo oposto, ainda que comportando-me de modo a não manchar a minha dignidade de soldado e cidadão. Formei com os meus sentimentos de amizade e gratidão, com os meus deveres de honra a um cargo de confiança que exercia, cargo nitidamente político, no qual nada poderia justificar o abandono do Chefe de então e do Amigo que não merecia, nem merece o meu desprezo, sob pena de ser considerado no juízo dos homens de minha terra como um sórdido ingrato. Todavia, meus amigos não têm direito de me ditar norma de conduta contrária aos meus princípios, que me fazem predisposto, por índole e formação, a boas relações com os outros concidadãos que me tratem bem ou ao que me diga respeito, como à minha querida Polícia Militar, à minha família etc. Não pertenco a nenhum "ismo" político ou pessoal, destes que avassalam o homem pelo homem, ou pelo facciosismo. Não me presto para servir de máquina manivelada por outros homens, de modo contrário à minha dignidade pessoal e atentatório sobremodo à condição que tenho de policial-militar, pela qual não posso subordinar o conceito da corporação aos ódios e caprichos facciosos de quem quer que seja. Tenho pois muita liberdade de ação e posso estender minha mão, para a amizade, a qualquer dos meus conterrâneos, desde que a minha consciência de homem livre me diga que este ou aquêl merece apreço e confiança.

Então, senhor Governador, acredite no que estou dizendo a V. Excia. Repito:

V. EXCIA. ESTA CONSTRUINDO O SEU LUGAR DE HONRA NA CONSCIÊNCIA DA POLÍCIA MILITAR".

DISTRITO FEDERAL

TEM NOVO COMANDANTE A PM

Assumi o comando da Polícia Militar, no dia 4 de unho corrente, o cel. Oromar Osório, que exercia idêntica comissão à frente dos Dragões da Independência. O ato de posse foi solene, vendo-se presentes, além do representante do presidente da República, coronel Orlando Gomes Ramagem, os generais Aristóteles de Souza Dantas, Jair Dantas Ribeiro, Augusto Magessi e Amaury Kruei, representado pelo coronel Danilo Nunes, delegado da Ordem Política e Social, comissões de oficiais do 1.º R.C. Guardas e de várias unidades da Arma de Cavalaria, a que pertence o novo comandante. Transmitiu o cargo o general Manoel Joaquim Guedes, que foi exonerado a pedido. O general Guedes fez um relato completo de seus oito meses de administração para em seguida elogiar os oficiais e praças que com êle ali serviram, bem como aos oficiais da reserva e reformados que colaboraram com a sua administração. O coronel Oromar, após declarar-se empossado, fez um discurso e, ao encerrá-lo, depois de agradecer a presença das autoridades, amigos, colegas e camaradas, assim concluiu a sua oração: Afirmou: «não os decepționarei. Vamos trabalhar e vencer mais uma etapa de marcha e progressão». O ministro da Guerra fez-se representar pelo coronel João

Manoel Gomes Tinoco, oficial de gabinete. Também, compareceu uma comissão de oficiais do gabinete ministerial.

Lembra-se, a respeito do assunto, que o cel. Oromar Osório já serviu na Fôrça Pública de S. Paulo, no comando Milton de Freitas Almeida, como diretor de instrução de cavalaria. Seus gestos cavalheirescos e de grande dedicação profissional valeram-lhe a formação de um grande círculo de amigos entre os oficiais da milícia paulista.

OUTRAS MODIFICAÇÕES NOS COMANDOS DA PM

Por ato do ministro da Justiça, de 25 de junho, foi transferido do comando do 7.º BI para o do Batalhão de Serviços, o ten. cel. Darcy Fontenelle de Castro, e do cargo de Diretor da Contadoria, para o de comandante do 7.º BI, o ten. cel. Barnabé Rodrigues de Barros.

Resolveu, ainda, classificar: no cargo de diretor de Intendência o ten. cel. José Ribeiro Guimarães; como subdiretor de Finanças, o major Flávio Martins de Albuquerque; e como subdiretor de Suprimentos, o major Jorge de Oliveira.

MINAS GERAIS

«COSME E DAMIÃO»

O Departamento de Relações Públicas da PM e a secretaria da Segurança Pública promoveram concurso para a escolha do nome para a dupla de policiais que fazem o policiamento ostensivo nas ruas da capital mineira. Mais de 10.000 suges-

tões foram enviadas e a Comissão julgadora decidiu conceder o prêmio de 20 mil cruzeiros à sra. THETYS TAVARES, residente em Barbacena, a qual, entre outras coisas, sugeria que «fôsse mantida em Belo Horizonte a denominação «Cosme e Damião», porque as polícias devem ser unas e essa denominação já é popular». Também, por influência do Rio de Janeiro, o povo já chama as duplas com o nome dos santos gêmeos. Não adiantaria batizá-las outra vez, pois continuariam sendo mesmo «Cosme e Damião»...

A título de curiosidade damos algumas das sugestões enviadas: «JK», «JJ», «Tomé e Tadeu», «Bias e Zêzinho», «Pedro e Paulo», «Romeu e Julieta», «Paulo e Maria».

INAUGURADO O INTERNATO DO D.I.

Com a capacidade para alojar 120 alunos e dispondo de completas e modernas instalações, foi inaugurado, no dia 10 de maio último, o internato do Departamento de Instrução da Polícia Militar, tendo sido dado ao novo edifício o nome do governador Bias Fortes.

Estavam presentes inúmeras autoridades e convidados. A sua chegada ao DI, recebeu, o sr. Bias Fortes, a continência que lhe prestou o Batalhão de Guardas, que, na oportunidade, foi passado em revista.

A seguir, dirigiu-se ao pavilhão destinado ao internato dos alunos do Departamento de Instrução, que inaugurou sob aclamações dos presentes. No salão nobre assistiu à entronização da imagem de Cristo, oficiada pelo padre José Augusto

Ribeiro Bastos, major-capelão da milícia mineira, que discursou, na ocasião. Pelo sr. Bias Fortes e autoridades foram, então, visitadas todas as dependências do internato, a cuja entrada foram também inauguradas placas assinalando o fato e a homenagem ao governador, em cuja administração foi concretizado o melhoramento.

ESTATUTO DA POLÍCIA MILITAR

No salão nobre realizou-se em seguida, a solenidade principal, quando o governador Bias Fortes foi saudado pelo cel. Manoel de Assumpção e Souza.

Dando maior relêvo ao ato, o sr. Bias Fortes, após a oração do comandante geral da Polícia, assinou a mensagem a ser encaminhada à Assembléia, submetendo ao Poder Legislativo o projeto do Estatuto da Polícia Militar. Depois de firmar o documento, agradeceu as homenagens que lhe eram prestadas, dizendo, inicialmente, da sua emoção ao receber mais aquela demonstração de amizade da Polícia Militar, com cujos integrantes mantivera um convívio de três anos, quando dirigia a Secretaria de Segurança Pública do Estado. Salientou a agradável lembrança que sempre guarda do íntimo contacto mantido com os membros da corporação e, passando a fazer a exaltação da Polícia Militar, afirmou que os seus homens sempre se distinguiram pela lealdade, correção e disciplina no cumprimento do dever. Acentuou que, ao assumir a governança do Estado, teve suas vistas logo voltadas para a corporação, em sinal de reconhecimento,

mais do que de homenagem, tais as provas de solidariedade que recebeu de seus componentes, ao exercer o cargo de secretário da Segurança Pública.

MIL HOMENS NO POLÍCIAMENTO OSTENSIVO DE BELO HORIZONTE

Eficiência da dupla «Cosme e Damião»

O patrulhamento noturno, realizado pela dupla «Cosme e Damião», da Polícia Militar, vem alcançando, a cada dia, maior soma de prestígio entre os belo-orientinos, dando, assim, cumprimento à elevada missão de proteger a cidade contra a onda de delinqüência que a aflige. Ao findar o mês de maio de 1957, é possível registrar um resultado dos mais animadores, provando-se a eficiência dos soldados destacados para as elevadas funções, elementos pertencentes à Companhia de Policiamento do 5.º Batalhão de Infantaria.

As ocorrências

Duzentas e sessenta e sete ocorrências registradas definem a resultante numérica. No setor assistencial, trinta casos foram atendidos com o auxílio a vítima de agressão, coma alcoólica, ébrios levados às suas residências, enfermos na via pública, menores abandonados, tentativa de suicídio. Seguem-se, no relatório mensal, os casos de apressão física, atentado público ao pudor, atitude suspeita, briga na via pública, conto do vigário, desacato aos policiais, desordens na via pública, dirigir alcoolizados, dirigir sem habilitação, embriaguês com desordens,

escândalos, porte de arma, escândalos na via pública, falsa identidade, falso policial, furto, foragido da Justiça, intromissão indevida no serviço policial, jôgos de azar, menores embriagados, menores delinqüentes e vadios, perturbação do sossego público, porte da arma de fogo e branca, recusa em pagar despesas em restaurante, suspeita de furto, tentativa de agressão, tentativa de suborno, vadiagem e vias de fato.

O capitão Antônio Norberto dos Santos, comandante da Cia. de Policiamento Ostensivo, fez um relato fiel dos acontecimentos ao cel. Watson Mesquita, superintendente do Policiamento Ostensivo, e ao seu auxiliar direto, capitão José Guilherme Mendes. E' de observar-se que nestas duzentas e sessenta e sete ocorrências registradas, não se verificou qualquer fato desabonador da conduta da dupla «Cosme e Damião», que vem recebendo do público as mais carinhosas manifestações de simpatia, em razão do suprimento que faz de grave lacuna nos interesses gerais da cidade.

Mil homens no Patrulhamento

Segundo as previsões e obedecendo ao critério de treinamento que se está realizando no Rio, por oficiais em estágio, e nesta Capital para os futuros integrantes desse tipo de policiamento, cerca de mil homens estarão, em breve, patrulhando as ruas de Belo Horizonte, no serviço de assistência e prevenção da criminalidade.

PARÁ

ATIVIDADES DO CORPO MUNICIPAL DE BOMBEIROS

Sem dúvida alguma, uma das corporações que têm prestado serviço de relêvo à coletividade belenense é o Corpo Municipal dos Bombeiros. Muitos do seu corpo efetivo já tomaram em defesa do patrimônio não somente público como particulares, sendo portanto uma guarnição que merece o respeito e admiração de nossa população.

O Corpo Municipal de Bombeiros foi organizado em 1822, pela lei 1.074, de 24 de novembro daquele ano, sob a denominação de Companhia de Bombeiros. Desde essa época a Corporação sofreu diversas modificações, tendo até mesmo pertencido ao Estado, por algumas vezes, fazendo parte do efetivo da Polícia Militar do Estado, como por ocasião do governo do dr. José da Gama Malcher, quando o Corpo Municipal de Bombeiros foi um Batalhão de Caçadores tipo 2, com tropa regular.

Efetivo atual

O Corpo Municipal de Bombeiros é uma organização militar, existindo na corporação a hierarquia militar, como possui todos os Corpos de Bombeiros do país, sendo adotado por essa Unidade todos os regulamentos em vigor do Exército, como sejam, R. I. S. T., T. A. E., R. Cont. e R. D. E. ou R-4, este na disciplina militar.

Seu atual efetivo é de 130 homens, sendo 13 oficiais e 117 praças, distribuídos em três Companhias e um Estado Maior. Presentemente a Unidade obedece ao comando do

cel. João Augusto da Costa, seu Ins-
petor Geral, que tem também as
funções de Assistente Militar do pre-
feito Celso Malcher.

Os demais oficiais estão assim
classificados: sub-comandante, ten.
cel. Grd. Djalma Antônio de Sousa;
Ajudante, 1.º ten. Cecílio Porfírio da
Silva; comandante da 1.a Cia. 1.º
ten. Serafim Silva; cmt. da 2.º Cia.,
cap. Grd. Flávio Calado de Figuei-
redo, achando-se respondendo por es-
sas funções o 2.º ten. Normélio Pe-
reira (o titular está como gestor do
Armazem Reembolsáveis do Corpo);

Tesoureiro, 1.º Ten. Paulo Pereira da
Silva; chefe das Oficinas, 1.º ten.
mecânico Anibal Ferreira Alves; Al-
moxarife Aproveccionador, 2.º ten.
José Pessoa Rodrigues; secretário,
2.º ten. 1.a Cia. Acindino da Silva
e Souza; gestor do açougue, 2.º ten.
subalerno da 1.a Cia. Edison da Sil-
va Alencar; subalerno da 2.a Cia.
1.º ten. grd. Ernani Maia Bittencourt.

Sinistros atendidos

O Corpo Municipal de Bombe-
iros possui prédio próprio, construí-
do ainda na gestão do senador Le-

FLÂMULAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA AS POLÍCIAS MILITARES

Flâmulas e bandeirolas para associações esportivas,
unidades militares, milícias e outras entidades.

Impressas sobre seda, rayon, etc., pelo processo silk screen.

Remessas para todo o Brasil, pelo reembolso postal ou aéreo.

CONSULTEM-NOS, SEM COMPROMISSO

MAJOR

material para propaganda Ltda.

RUA CONS. MOREIRA DE BARROS, 409 (Santana) - S. PAULO, S.P. - FONE 3-8839

mos, tendo passado apenas por alguns melhoramentos. Diariamente são mantidos no quartel 30 homens de serviço, sob o comando de um oficial para atender a qualquer momento chamado de socorro.

Durante o ano findo, os registros da Corporação acusam quatro grandes incêndios, nos quais ficaram patenteados a grande valia da Unidade e o seu denodo na arrojada tarefa para os fins que fôra criado. Esses incêndios foram o do Mercado de Ferro, da garage Almirante, de dois navios ancorados em Miramar e de duas canoas da doca do Ver-o-Peso. Também foram atendidos 71 incêndios menores e princípios, além de 21 outros sinistros, como sejam curtos circuitos, desabamentos, etc..

Bem equipado

A corporação de Bombeiros presentemente encontra-se bem equipada e o material de que dispõe em diversas ocasiões em que entrou em ação assim demonstrou. Por outro lado, o Comandante não se descuidou da assistência ao seu efetivo, possuindo internamente as seguintes repartições que atendem à necessidade do Corpo: Casa das Ordens, Secretaria, Tesouraria, 1.a e 2.a Companhia, Pelotão Extranumerário, Almoxarifado, Armazem Reembolsável, Açougue e Formação Sanitária.

Tem ainda a Unidade as suas Oficinas Mecânicas, Carpintaria, Ferraria e Alfaiataria, além de seu rancho próprio que fornece a refeição ao pessoal de serviço, isto por conta da Prefeitura, conforme lei em vigor. Quanto ao material técnico destinado ao «combate ao fogo» e outras ações próprias dos bombeiros,

conta com viaturas como carro-tanque, carro escada, ressaltando-se os dois possantes autos-bombas com que se acha equipada a Corporação.

Esses autos-bombas foram adquiridos, um na gestão do dr. Lou Alvarez de Castro, cuja denominação, em uma homenagem, lhe foi dedicada. O outro foi adquirido na atual gestão do dr. Celso Malcher, e leva o nome do ten. cel. Feliciano Barbosa, como homenagem do Chefe do Executivo Municipal a êsse antigo oficial do C.M.B..

Instrução

Finalmente, o atual Comando do Corpo Municipal de Bombeiros não se descuidou do preparo de seus homens, criando uma parte de instrução profissional, na qual a Unidade acha-se tècnicamente preparada. As instruções são ministradas por competentes oficiais, tendo o cel. João Augusto da Costa organizado um Centro de Instrução, com a finalidade de preparar os candidatos aos cursos de formação desde cabo até o oficialato, tendo como professores os próprios oficiais superiores do Corpo.

No ano recém-findo, funcionou os cursos de formação de cabos, sargentos e de aperfeiçoamento de sargentos, com a duração de 4 meses cada um, saindo aprovados nos mesmos diversos alunos, que de acôrdo com as suas classificações e vagas existentes foram logo promovidos. Dentro de um plano traçado pelo comandante João Augusto da Costa o Corpo Municipal de Bombeiros, prossegue no seu progresso, para corresponder, dentro de sua finalidade, à população de Belém.

PERNAMBUCO

ANIVERSARIO DA PM

A data de 11 de junho assinalou o transcurso do 132.º aniversário da Polícia Militar de Pernambuco. Várias solenidades foram realizadas, comemorando a efeméride.

No 1.º Batalhão, às 5 horas, houve alvorada com as bandas marcial e de música; após, foram hasteados os pavilhões Nacional e de Pernambuco, e, em seguida, ocorreu a formatura geral.

Ainda no período da manhã, o 1.º Batalhão, juntamente com a Companhia de Rádio Patrulha, Corpo de Bombeiros e Esquadrão de Cavalaria, desfilaram pelas ruas principais do Recife, entre a curiosidade geral da população, que também não lhes regeitou aplausos.

Ao meio dia, em Dois Unidos, foi servido suculento churrasco aos oficiais, sargentos e praças, num ambiente festivo de confraternização.

ALTERAÇÃO DO ESTATUTO DA PM

Acha-se em trânsito na Assembléia Legislativa projeto de lei que altera o Estatuto da PM, no que diz respeito à passagem para o Quadro Suplementar (reserva).

O oficial, pelo referido projeto, desde que o requeira, passará para aquele Quadro, no posto imediato, se satisfizer as seguintes condições: a) — ter mais de 30 anos de efetivo serviço prestado à corporação; b) — ter o interstício mínimo de 6 meses no posto em que se encontrar, por ocasião do pedido de transferên-

cia; c) — não se achar respondendo a processo de qualquer natureza, nos foros civil ou militar; d) — contar um têrço, no mínimo, em função policial-militar.

Os subtenentes e primeiros sargentos que tenham ótimo comportamento e que preencham as condições supra, serão promovidos ao posto de 2.º tenente e em seguida transferidos para o Q.S..

As demais praças, desde que também satisfaçam aquelas exigências, serão promovidas à graduação imediata, quando transferidas para o Q.S. ou reformadas.

Ressalta ainda, o referido projeto, que as suas disposições não ferem direito de promoção e outras vantagens previstas em lei especial.

RIO DE JANEIRO

TERESÓPOLIS QUER TER CORPO DE BOMBEIROS

Depois da porta arrombada...

Um incêndio recente, ocorrido em Teresópolis, acelerou a idéia da criação de um Corpo de Bombeiros. Embora seja difícil de acreditar, o fato é que a cidade, com uma população fixa de sessenta mil habitantes, uma arrecadação da ordem de trinta milhões e possuidora de luxuosas residências, não dispõe de uma corporação de bombeiros e no sinistro do dia 25 de maio último, sentiu quanto lhe custou essa lacuna nos seus serviços públicos: por falta de combate adequado, que só foi possível com a chegada dos bombeiros de Pe-

trópolis, o fogo consumiu cerca de 30 milhões de cruzeiros em materiais diversos e imóveis.

Quanto custará a Corporação

Para estruturar o Corpo de Bombeiros, o prefeito José de Carvalho Jannotti convidou o major José Mariano da Fonseca, ex-chefe de Relações Públicas e Instrutor-Chefe da corporação carioca. E o prefeito quer acelerar os trabalhos preliminares porque subiu à sansão do governador Miguel Couto Filho o projeto que destina a verba de 1 milhão de cruzeiros para aquela finalidade.

O major esclareceu que com 800 mil cruzeiros anuais o Corpo de Bombeiros de Teresópolis poderá custear suas despesas de pessoal. De outra parte, devido à topografia da cidade, não deverá empregar os caríssimos carros-tanque, bastando-lhe uma viatura equipada, de pouco mais de 20 mil dólares de custo.

CRIADO O CORPO DE BOMBEIROS DE S. GONÇALO

Já correu para o fogo

Não resta dúvida que os bombeiros constituem uma organização das mais simpáticas e que merecem do público o incentivo e o carinho que nunca lhes tem faltado.

As demonstrações de apreço e admiração são inúmeras e dentre elas está a própria glória de viver os momentos de angústia em benefício da coletividade, no salvamento de bens e vidas tão caras.

Nas cidades mais adiantadas as corporações de Bombeiros representam, com brilho, uma segurança pa-

ra a comunidade; nas cidades pequenas é o entusiasmo do povo e a solidariedade humana que formam a grande arma de combate ao fogo, nos seus momentos de devastação.

E surgem, por isso, de quando em quando, as novas organizações de bombeiros, contando sempre com o devotamento e a coragem de quantos conhecem dos perigos do fogo e das necessidades prementes de um serviço que venha tranqüilizar os homens do comércio, da indústria, bem como as famílias, nos seus lares.

Assim nasceu, em Cão Gonçalves, o Corpo de Bombeiros Voluntários que, como demonstração suprema de esforço dos que o integram, deu, sua primeira corrida para o fogo, evitando que danos consideráveis fossem causados, que a dor e a infelicidade turvassem o brilho das festividades do mês, que se reproduzem com maior intensidade.

O incêndio que teve lugar na rua Aluisio Neiva, foi debelado com eficiência em apenas 1 hora e 15 minutos, contando, o combate, com a participação de poucos populares inclusive de uma senhora, idosa, tudo sob a orientação do Comandante Geral, sr. Xavier M. de Freitas.

Prova a necessidade de um amparo mais direto e efetivo para execução de planos outros em benefício do Corpo de Bombeiros Voluntários de São Gonçalves, o fato de representar já, aquele município, um grande centro de atividade.

Ainda há pouco tempo registrou-se, em Teresópolis, um grande incêndio que causou prejuízos calculados em 30 milhões de cruzeiros. A falta de recursos à altura contribuiu

para que o fato tivesse aquêlê desenlace. Entretanto, o Prefeito local, com o apôio da Câmara Municipal, aprovou uma verba de um milhão de cruzeiros que se destinará à organização de um Corpo de Bombeiros Voluntários.

Essa notícia trouxe tranqüilidade para os moradores daquele pitoresco recanto, pois terão a certeza de que os homens do fogo que serão agrupados saberão atender às reais necessidades de um serviço tão útil quanto indispensável à coletividade.

RIO GRANDE DO SUL

DIA DAS POLÍCIAS MILITARES

Entrega festiva do «Espadim Tiradentes»

Com diversas solenidades, a Brigada Militar homenageou, no dia 21 de abril, o Patrono das Polícias Militares do Brasil — O TIRADENTES.

Tôdas as solenidades contaram com a presença dos governador Ildo Meneghetti; dr. Hélio Carlomagno secretário do Interior; cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque; ten. cel. Manuel Monteiro de Oliveira, chefe do EMG; comandantes de corpo e chefes de serviço da Milícia Estadual; cel. José Martins, Presidente do IME.

As 8 horas, nas Unidades e Serviços da Milícia Estadual, foi procedida a entrega a diversos oficiais da medalha de «Serviço Policial Militar», com a qual foram agraciados, por decreto do Governador do Estado.

As 9 horas, no quartel do Regimento Bento Gonçalves, foi levada

a efeito a inauguração das fotografias do dr. Ildo Meneghetti, governador do Estado; do cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, Comandante Geral da Brigada Militar; do cel. Milton Gomes da Silva e do ten. cel. Antônio Martins. Fizeram uso da palavra, em nome do Cmt. do RBG, ressaltando a personalidade dos homenageados, os major Ary Lampert, capitães Heraclides Tarrago, Ignácio Portugal e tenente Procópio Espírito Santo. Encerrando esta solenidade, usou da palavra o governador do Estado que, referindo-se a data de 21 de abril, consagrado às Polícias Militares do Brasil, ressaltou o papel importante que vem desenvolvendo a Brigada Militar no sentido de ampliar cada vez mais a segurança pública do Rio Grande, afirmando que, assim procedendo, vem ela distribuindo em todos os recantos do Estado o lema «Liberdade, Igualdade e Humanidade».

As 10,00 horas, no Estádio «General Cipriano Ferreira», teve lugar a cerimônia de entrega do «Espadim Tiradentes» aos novos alunos do Curso de Formação de Oficiais da Brigada Militar. Após hoverem prestado o juramento à Bandeira, os novos alunos receberam, das mãos de suas madrinhas, o Espadim Tiradentes — «Símbolo do Idealismo e Destemor». A seguir, foi lida a Ordem do Dia do ten. cel. Otávio Machado, Cmt. do CIM, da qual transcrevemos a parte que diz respeito aos novos alunos: «Jovens alunos do 1.º ano do Curso de Formação de Oficiais! Meditai sôbre os juramentos que hoje fizestes. As palavras passam, os pensamentos ficam. Juras tes diante do símbolo auri-verde de

tua pátria defendê-la, se preciso, com o sacrifício da própria vida e, estamos certos, que êste será o teu procedimento se o cumprimento do dever assim o exigir. A história de nossa Fôrça, passada e presente, aí está para confirmá-lo: um brigadiano jamais faltou à palavra empenhada, jamais titubeou, ou titubeia, diante da morte, quando diante de si se ergue o obstáculo intransponível criado pela sua formação moral e pelos exemplos recebidos de seus predecessores e dos que, cotidianamente, tombam, como heróis, a bem da ordem e paz da família riograndense. Jovens camaradas, praza aos céus que o juramento que fizestes, diante do Lábaro Sagrado, nunca vos seja exigido na sua maior significação; entretanto, se a fatalidade vos arrastar um dia ao supremo sacrifício, se da vossa vida depender a tranqüilidade, paz, ordem e liberdade de vossa terra, não vos torneis indecisos, ofereça-a, pois só assim estarás cumprindo o juramento feito, honrando a vossa memória e justificando diante da Sociedade a razão de terdes tomado para patrono o vulto ímpar de amor à Pátria, de devotamento às causas justas como o foi o de Tiradentes. Neste dia, com razão, vos deveis sentir orgulhosos, pois além do ideal patriótico do «Juramento à Bandeira», recebestes, há poucos momentos o «Espadim Tiradentes», Símbolo de idealismo e destemor.

Meditai, também, sôbre o seu significado, sôbre a divisa de honra que o mesmo encerra. E' mister que sejais idealistas, é necessário serdes destemerosos.

Como idealistas, deveis seguir o exemplo másculo daquele que deu nome ao vossa espadim. Deveis amar a liberdade como êle soube amá-la: pura, simples, desprezenciosamente tudo fazendo para conseguí-la; que o seu exemplo frutifique e que o idealismo em vós encontrado seja limpo, útil a vós e à Pátria.

Mais do que tudo, meus jovens camaradas deveis ser destemerosos. Só o destemor nos pode levar a idéias concretizadas. A carreira que escolhestes é ardua, porém, bela em seu matiz. Circunstâncias, as mais diversas, exigirão de vós todo o destemor, tôda a bravura e coragem; nela só vencereis se fôrdes destemerosos, se a coragem vencer as vossas indecisões, se vossa vontade se sobrepôr aos contratempos naturais que a vida para todos oferece.

E' imprescindível que sejais honestos para convosco mesmos. Fizei sempre um exame de consciência. Verificai, nas vossas ações de cada dia, se soubestes cumprir vossos deveres diários, se vossa vida vem se regulando pelos ditames do bom proceder, se a divisa que orna vosso espadim não foi maculada por nota que a desabone. Só assim podereis mais tarde trocar, de consciência tranqüila, vosso espadim de aluno-oficial pela espada que reflete a glória de uma etapa vencida. Só assim estará honrando o alferes de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier — Nosso Patrono.

Usou, em seguida, da palavra, o cel. Ildfonso Albuquerque, Cmt. Geral da Brigada Militar, que lembrou aos novos alunos a importância do juramento proferido ante o

Pavilhão Nacional e a necessidade do seu cumprimento, para que a Brigada Militar continue na sua rota de bem servir ao governo do Estado e ao povo do Rio Grande.

Ao encerramento, em nome do governador do Estado, fez uso da palavra o dr. Hélio Carlomagno, secretário do Interior, que, referindo-se de maneira elogiosa a Milícia Estadual, disse que a segurança do Rio Grande do Sul repousa, sem dúvida nenhuma, na Brigada Militar, a qual, de dia para dia, procura aprimorar cada vez mais seus integrantes, para bem poder assegurar ao povo honrado do Rio Grande um clima de liberdade e humanidade.

MATRICULADOS NO CAO

Foram matriculados no Curso de Aperfeiçoamento de oficiais, no dia 18 de maio último, os seguintes primeiros tenentes: Francisco Quiumentto Filho, Dastro de Moraes Dutra, Pedro Celeny Pires Garcia, Adão Natalício Machado, Benjamin D'Avila Prado, Ivan de Sá Seabra, Júlio Valdemar, Leonar Vieira Rodrigues, Armando Cravo Rodrigues, Arlindo Prola, Wilson de Marchi Portini e Rubem Rodrigues de Lima.

SANTA CATARINA

CRIAÇÃO DOS «SERVIÇOS DE RELAÇÕES PÚBLICAS E DE IMPRENSA» NA POLÍCIA MILITAR

Com o objetivo de auscultar e analisar as tendências da opinião pública, no tocante ao serviço policial no território catarinense, e, desta forma, obter elementos que sirvam de base para um reajustamento e um aprimoramento, em maior proporção, do policiamento a cargo da PM, nas condições exigidas pelo crescente desenvolvimento cultural-econômico do Estado, o cel. Mário Fernandes Guedes, Comandante Geral da Polícia Militar, em data de 27 de maio próximo passado, instituiu na corporação sob seu comando os «Serviços de Relações Públicas e de Imprensa».

Já estão cooperando com os SRPE, vários órgãos da imprensa falada e escrita da capital do Estado e interior.

Para chefiar os Serviços em aprêço, o cel. Mário Fernandes Guedes designou o major Libero de Camilo, e, como seu coadjuvante, o 2.º ten. intendente Deoclécio Nascimento.



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

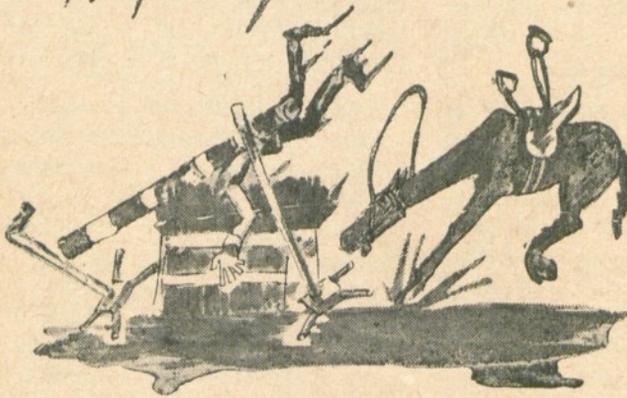
Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

HIPISMO



Cap.
Plínio
D.
Monteiro

TEMPORADA ABRIL - MAIO

Nos meses de abril e maio do corrente ano, o Regimento «9 de Julho» teve ativa participação na Temporada Hípica Oficial, efetuada sob o patrocínio da F.P.H., e obteve ótimas classificações, que em resumo foram nove primeiros, seis segundos, três terceiros e três quartos lugares, dando à Fôrça Pública, até ao presente momento, um conjunto de 360 pontos.

Prova Federação Paulista de Hipismo

Nesta diputa de classe «A», realizada no dia 6-IV-57, obteve a liderança da mesma o 1.º ten. Raul Humaitá Vila Nova, conduzindo brilhantemente «Tabaco».

Prova 17.º R.C.

Já no dia imediato, neste concurso de adestramento para cavaleiros novos, conseguiu merecidamente

o 1.º pôsto, o 2.º ten. Sinésio Alves de Lima, com o cavalo «Príncipe».

Prova Dep. Ed. Física e Desportos

Na 2.ª prova da tarde, também de adestramento, mas de Classe «B forte», coube o 1.º lugar à égua «Gamine», na condução perfeita do cap. Silvio Marcondes Rezende.

Na Prova Clube Hípico de Santos, ocorrida no dia 13 de abril, colocou-se em 2.º lugar o 1.º tenente Rau Humaitá Vila Nova, que disputou êsse lugar com «Tabaco».

Prova Cel. Rubens C. Dias

Para se classificar em 3.º lugar, nesta competição de adestramento de 1.º grau, o cap. Silvio Marcondes Rezende dirigiu «Anjou», no dia 27-IV-57.

No mesmo dia na prova de adestramento, tipo Caprilli, denomi-

nada «Cel. João Franco Pontes», vamos novamente encontrar o cap. Silvío Marcondes Rezende ocupando com justo mérito o 1.º e 2.º lugares, respectivamente com o cavalo «Amancai» e a égua «Gamine».

Obteve, ainda, o 4.º pôsto, o cap. Roldão Nogueira de Lima, na condução de «Shangai».

Abrindo o mês de maio, na data Universal do Trabalho, teve lugar a Prova Smart, de oito verticais, ficando empatados em 4.º lugar os major Fernando H. Silva, cap. Silvío M. Rezende e 1.º ten. Raul Humaitá V. Nova, nas conduções respectivas de «Dourado», «Amancai» e «Tabaco».

PROVA DE PARELHAS ANTÔNIO CARLOS DE CARVALHO, no dia 4 de maio. O 1.º lugar foi conquistado pela dupla do Regimento «9 de julho», 1.ºs tenentes Raul Humaitá Vila Nova e Horácio Bonzon. Para tanto, o primeiro montou «Tabaco» e o segundo «Cuiabá».

Prova Coronel Elói de Menezes; Classe «C» Precisão

Corrida no mesmo dia da precedente, teve como 2.º colocado o 1.º tenente Raul Humaitá Vila Nova, montando «Dourado».

No dia 5 de maio realizavam-se duas provas: — na 1.ª denominada «MAJOR RENILDO FERREIRA», de Classe «B» — Exclusiva, classificou-se no 2.º pôsto, outra vez, o ten. Humaitá, agora na condução de «Tabaco»; na 2.ª, de nome «NELSON PESSOA FILHO», de 5 obstáculos triplices, a vitória coube ao cap. Silvío

Marcondes Rezende, com «Amancai», e o 3.º lugar ao 1.º ten. Raul Humaitá, que montou «Dourado».

Dia 11-V-57

Prova «O Estado de São Paulo» — Classe «A», e Prova «Gazeta Esportiva». — Vamos encontrar no 1.º pôsto dessas duas competições o cap. Silvío Marcondes Rezende, que exibiu a qualidade de seus dois ginetes «Gamine» e «Amancai». Ainda o 3.º lugar da 2.ª prova, teve como detentor o 1.º ten. Raul Humaitá Vila Nova, dirigindo «Dourado».

Realizou-se a prova de Equipes de 3 Cavaleiros, no dia 12-V, com o nome de «DIARIOS ASSOCIADOS», cabendo o 2.º lugar à equipe composta pelos cap. Silvío Marcondes Rezende, com «Gamine», cap. Roldão N. de Lima, com «Siroco», e 1.º ten. Humaitá V. Nova, com «Dourado». O 3.º lugar coube, também, a uma equipe da Fôrça — cap. Silvío Marcondes, montando «Amancai», ten. Raul Humaitá, com «Tabaco» e ten. Horácio Bozon, montando «Cuiabá».

Na PROVA «FÔLHAS», troféu puro sangue, vitória do ten. Raul H. V. Nova, com «Dourado», seguido em 2.º lugar pelo cap. Silvío M. de Rezende. O 4.º lugar ficou em poder do 1.º ten. Horácio Bozon, que o disputou com «Siroco».

Não comporta quaisquer comentários a atuação acima, pois os resultados contam a história por si mesma. Ótima preparação para a Temporada Campineira, que virá a seguir.

TEMPORADA CAMPINEIRA

Vicecampeã a Fôrça Pública

Do subtítulo acima se deduz, claramente, o brilho com que se portou a F.P., nessa importante fase do Calendário Oficial da F.P.H. — a Temporada Campineira — onde foram representadas, pelos seus melhores cavaleiros e cavalos, tôdas as entidades hípiças filiadas à mentora paulista do fidalgo esporte equestre.

Digno espetáculo constituiu o desenrolar das disputadíssimas provas, em número de dez, nas quais se destacaram como os melhores cavaleiros, no âmbito individual, dadas as classificações obtidas, Gianni Samaja e cap. Sílvio M. Rezende. Coletivamente a S.H. Paulista obteve o 1.º lugar com 337,50 pontos, deixando o 2.º posto para a Fôrça Pública, com a contagem de 151,25 pontos. Com essa larga margem de pontos entre o 1.º e 2.º colocado, já tinha a Hípiça assegurado a vitória nas competições da 2.a fase da temporada, realizada no dia 30 de maio.

No dia 26-V, foram corridas 2 provas, sendo que na 1.a de classe «B», percurso normal, obteve o 3.º lugar o cap. Anselmo Peres, com «Siroco», e a 4.a colocação o cap. Sílvio Marcondes na condução de «Amankai».

Na 2.a competição, Prova Cooperação (dois cavaleiros) sagraram-se vencedores os caps. Anselmo Peres e Sílvio M. Rezende, respectivamente, com «Siroco» e «Amankai»; coube ainda o 4.º posto à Fôrça, atra-

vés dos cap. Sílvio e Roldão N. Lima, que montaram «Anjou» e «Shangai».

Em 30 de maio, sorriu a vitória na prova de classe «A», barragem, ao cap. Roldão Nogueira de Lima, que dessa feita pilotou, com segurança, «Almirante».

Ainda no mesmo dia, na Prova tipo «Caça», colheu os louros da 1.a classificação o cap. Sílvio Marcondes Rezende, em magnífica condução de «Amankai».

Sábado, dia 1.º de junho, o único representante da S.H. Bauru, Marcos Ferraz, demonstrou suas brilhantes qualidades de cavaleiro novo, na condução bastante certa de «Missouri», que lhe valeu merecidamente o 1.º posto, ficando o 2.º e 3.º lugares, disputadíssimamente obtidos com Pedro Robel, que cavalgou «Montmatre» e «Sugar». O 4.º lugar da prova pertenceu a Annah Carvalho, na condução de «Negrinho».

Na 2.a prova, de oito verticais, que chegou a ser disputada na 4.a passagem dos obstáculos, a 1,50m. de altura, ficou finalmente em 1.º lugar Arline Givaudan, conduzindo com acerto «Ion», e em 2.º posto José Amorim, com «Sabor», por ter cedido o 1.º lugar à brilhante amazonas Arline, após terem realizado o percurso sem faltas. Em 3.º lugar, colocaram-se empatados, na 4.a passagem, todos com 4 pontos perdidos por faltas, Gianni Samaja, com «Trovéro», Sílvio Marcondes Rezende,

montando «Gamine», Fábio Carvalho sobre «D'Artagnan», e Enzo Jona, conduzindo «Elporado».

No último dia da temporada de Campinas, domingo, dia 2 de junho, na 1.a prova denominada de Energia, com obstáculos relativamente fáceis o 1.º realizador do percurso foi José Amorim, montando «Sabor»; fez pista limpa em 57" o que demonstrou aos demais que o percurso poderia ser realizado em velocidade. Em 1.º lugar, conduzindo com técnica apurada «Beau Brumel», ficou com zero pontos perdidos Gianni Samaja, cujo tempo foi de 49" 2/5. Em 2.º lugar também em notável condução classificou-se, em 50", o cap. Sílvia Marcondes Rezende, que disputou montando «Amankai». O 3.º posto cou-

be ao 1.º ten. Raul Humaitá V. Nova, com «Dourado» em 50" e 1/5; em 4.º, José Amorim.

A derradeira prova, para cavaleiros sem classificação até o momento, venceu Raul Lara Campos, com «Ejuim» em tempo recorde de 47" e 3/5. O tempo do 2.º colocado Eugênio de Figueiredo, que correu com «Beau Geste», foi de 51" e 1/5, tendo agido magnificamente no percurso. Ficou com a S.H. Campineira o 3.º posto, através de seu representante Estanislau Ferreira, cavalo «Bonitão», tempo 51" 2/5. Em 52" 2/5, obteve Rafael Garzouzi, com «Cocoanut», o 4.º lugar.

Encerrou-se, assim, uma memorável fase do Calendário Hípico Oficial.

No Parque da Água Branca

Foi destacada a atuação da Fôrça, no Parque da Água Branca, nas duas provas levadas a efeito em 23-VI-57. Montaram os nossos cavaleiros com elevada técnica, não restando, portanto, outro resultado para a Fôrça senão a vitória. O ten. Horácio Bozon sobressaiu-se na condução de «Príncipe», conquistando com superioridade o 1.º posto, na 2.a passagem, com os três últimos obstáculos aumentados em largura e altura, tendo feito o percurso com zero faltas. Ficaram empatados em 2.º lugar, outra vez Bozon, com «Remanso», José Amorim da S.H.P., concorrendo com «Dummy», e Raul Lara Campos com «Arlequim»

(C.H.S. Amaro). Chamou-se esta Prova «José Bonifácio Coutinho Nogueira».

Conduzindo «Tabaco» e «Dourado», com segura técnica, apesar das más condições do piso, levantou o ten. Humaitá Vila Nova, o 1.º e 2.º lugares no desempate em tempo (meia pista). A Hípica ficou em terceiro lugar, por intermédio de Gianni Samaja, na direção de «Beau Blummel», e com boa condução de Raul Lara Campos, sobre «Ejuim», ficou o Santo Amaro em 4.º lugar.

Foram ótimas e disputadíssimas provas em que o resultado final demonstrou, realmente, o valor dos cavaleiros nessa jornada esportiva.

BRILHA O BRASIL NA BÉLGICA

O Prêmio Berinster (Prova de 6 barras) coube a brilhante cavaleiro da representação brasileira ao Concurso Hípico Internacional de Spa, na Bélgica, onde se reuniram este ano os melhores cavaleiros, principalmente da Europa.

Foi notável a atuação elegante de Nelson Pessoa Filho, da F. H. Metropolitana, conduzindo «Copacabana», até a 4.ª passagem, com zero faltas, e conquistando dessa forma a vitória para o Brasil.

O 2.º lugar ficou, também, com a turma do Brasil, pois o major Re-

nildo Ferreira levou «Bibelô» ao final da 4.ª passagem com 4 pontos perdidos.

Terceira colocação — Inglaterra, com «Miss» Pat Smythe montando «Prince Hall».

Com o cavalo «Búfalo», o representante da França, cap. Fombelle, obteve a 4.ª colocação da prova.

Ainda o 5.º pôsto ficou com o Brasil, tendo o bicampeão brasileiro Nelson Pessoa Filho saltado com «Black Tie» e «Relincho», que perderam 4 pontos na terceira passagem sobre as 6 barras que constituíam a prova.

APRENDA INGLÊS EM UM ANO! (BASIC ENGLISH) ESCOLA "GENERAL RONDON"

onde V. também poderá fazer curso de

- CHEFIA DE SECÇÃO DO PESSOAL
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- CUSTOS INDUSTRIAIS
- ALEMÃO (PRÁTICO)
- DATILOGRAFIA
- TAQUIGRAFIA

Rua Voluntários da Pátria, 2319 - 2.º andar - S. Paulo

TIRO AO ALVO



PROVA "IRMÃOS DEL GUERRA"

Patrocinada pela firma Irmãos Del Guerra, e dirigida pela Federação Paulista de Tiro ao Alvo, foi disputada dia 19-V-957, no estande da A.D. Floresta, a prova de tiro que leva o nome de seus patrocinadores, e que constitui uma disputa de 30 tiros com arma cal. 22 a 25 metros.

Enfrentando os melhores atiradores do Estado, a Fôrça conquistou brilhante vitória, tanto por equipe como individualmente, ficando de posse transitória de belíssima taça oferecida pela firma acima mencionada.

Foram os seguintes os resultados:

a) equipe: 1.º lugar — (veterano) Cap. Jorge Mesquita de Oliveira; (senior) Cap. Elio Afonso da Cunha; (junior) Cap. Oswaldo Hildebrand; (novo) 1.º Ten. Domingos de Melo.

b) individuais:

1. Veteranos

1.º lugar — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira, 279 pontos — 2.º lugar — Cel. Rubens Teixeira Branco, 276 pontos.

2. Senior

4.º lugar — Cap. Elio Afonso da Cunha, 261 pontos — 5.º lugar — Cap. Renato Ourique de Carvalho, 260 pontos.

3. Junior

3.º lugar — Cap. Oswaldo Hildebrand, 256 pontos — 5.º lugar — 1.º Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann, 249 pontos.

4. Novos

4.º lugar — 1.º Ten. Domingos de Melo, 258 pontos — 5.º lugar — Cap. Edson Falco Lacerda, 254 pontos.

PROVA "DR. OSVALDO SILVA"

Disputou-se, dia 25-V-57, no estande da A.D. Floresta, a prova de tiro «Dr. Oswaldo Silva», constituída por uma disputa em 30 tiros de revólver cal. 38, a 25 metros, entre os elementos da policia do Estado de São Paulo.

A equipe da Fôrça, bisando seu feito do ano anterior, conseguiu nova vitória por equipe, ficando de posse transitória do rico troféu que

leva o nome do proficiente ex-Diretor Geral da Secretaria da Segurança Pública.

Nossa equipe estava assim constituída:

Cap. Renato Ourique de Carvalho, 258 pontos; Cap. Elio Afonso da Cunha, 256 pontos; Cap. Antônio Sampaio, 254 pontos; 1.º Ten. Domingos de Melo, 251 pontos e Cap. Edson Falco Lacerda, 249 pontos.

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA» vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Força Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Força Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

QUESTÕES JURÍDICAS

Cap. Monte Serrat Fo.

Ten. Hildebrando Chagas

PARTICIPANTE ATIVO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

CABO A. C. — CAPITAL. Foi participante ativo da Revolução Constitucionalista, porém não requereu, dentro do prazo quinquenal, as vantagens concedidas pela letra "e" do artigo 30 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Paulista de 9 de julho de 1947. Consulta-nos se ainda há possibilidade de obter essas vantagens. A nossa resposta é afirmativa. Em 6 de novembro de 1956, foi promulgada e posta em vigência, a Lei 3.568, que: "Modifica a disposição do artigo 7.º da Lei 211, de 7 de dezembro de 1948, e dá outras providências". A Lei 211 regulamentou as vantagens concedidas pelo referido artigo 30 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e no seu artigo 7.º tratava das vantagens econômicas conferidas aos componentes da Força Pública Estadual e à Guarda Civil, ou seja, vencimentos do posto imediato aos participantes ativos do movimento revolucionário de 1932.

O diploma legal de n.º 3.568, regulamentando de forma inteiramente nova e modificando os preceitos da Lei anterior, 211, por força do que prescrevem os artigos 1.º e 2.º da Lei de Introdução ao Código Civil, veio estabelecer a data de 6 de novembro de 1956, para a contagem da fluência do prazo prescricional.

Ademais, são numerosos os acórdãos dos nossos Egrégios Tribunais, tanto do Tribunal de Justiça como do Tribunal de Alçada, firmando jurisprudência no sentido de que a Lei 211 não podia estabelecer prazo de decadência, inexistente na Lei Magna. Em outras palavras: "As Disposições Constitucionais Transitórias não podem ser tolhidas em seus efeitos por leis comuns e seus dispositivos se exaurem quando desaparecem as situações por elas reguladas. Enquanto houver participantes ativos da Revolução Constitucionalista de 1932, podem eles pleitear, em Juízo, as vantagens concedidas pelo artigo 30 das referidas Disposições Transitórias". Revista dos Tribunais — vol. 214, pag. 271. Apelação n.º 62.783, do Tribunal de Justiça.

Não compete aos governos dar felicidade aos governados e, sim, a oportunidade de conquistarem, por si mesmos, a felicidade.

(William E. Channing)

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaíso) — Capitán Franklin Troncoso Bacles.

— IV Zona de Carabineros (Concepción) — Capitán Moisés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — Sgt. José Pereira da Silva

AMAPA (Guarda Territorial)

— Séde (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz

— 2.º B.C. (Ilhéus) — Cap. Horton Pereira de Olinda

— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos

— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luís) — Cap. Eurípedes Bernardine Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º B.C. (Cuiabá) — Asp. Ivan Rodrigues Arrais

— 2.º B.C. — (Campo Grande) — Cel. Bevilaqua de Souza Soares

— 2.a Cia. do 2.º B.C. — (Ponta Porã) Sgt. Francisco Romeiro

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira

— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

PARAIBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luís Ferreira Barros

PARANA (Polícia Militar)

— Q.G. — (Curitiba) — Ten. Donatielo Ariel Damasceno

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Vilmar Teodoro

— 3.ª Cia. Isolada (Canoinhas) — Ten. Edgard Campos Pereira

SAO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. — (Capital) — C.A.O. — Ten. Valdomiro de Abreu

— C.C.S. — Cap. Salvador de Cico

— C.C.C. — Ten. Nelson Soares

— F.M.I. — Sgt. Osvaldo Varela

— B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio

— Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Sgt. Pedro Marques

— B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira

— 3.º B.C. — (Ribeirão Preto) — Ten. Nelson Homem de Melo

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuluti Vilanova

— 7.º B.C. — (Sorocaba) — Ten. Antônio Carlos Martins Fernandes

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci

— S.E. (Capital) José de Campos Montes.

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva

— S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva

— S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.ª Cia. Ind. — (São José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.ª Cia. Ind. — (Presidente Prudente) — Cap. Sebastião Lopes

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Rádio Patrulha (Capital) — Sr. Epaminondas Caldas Camargo

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

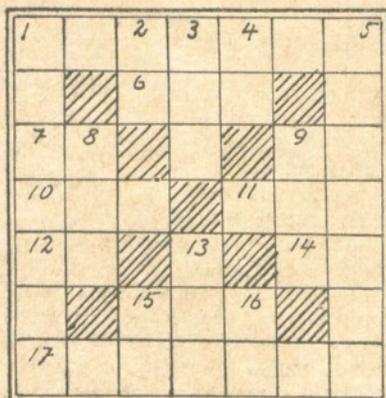
— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — Cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais

- 1 — Capuz de lã
- 6 — Ora!
- 7 — Adivinha
- 9 — Eis aqui
- 10 — Mulher muito bonita
- 11 — Vale onde Davi venceu os siros
- 12 — Casamento
- 14 — Nessa ocasião
- 15 — Eco
- 17 — Aplaudido

Verticais

- 1 — Qualquer coisa pequena
- 2 — A jarda inglesa na China
- 3 — Argola
- 4 — Eis aí
- 5 — Aborrecido
- 8 — Eternidade
- 9 — Cano de moinho
- 13 — Gastei
- 15 — Abaixo
- 16 — Preceptora de Baco



NOSSA CAPA

VISTA PARCIAL DO
JARDIM DA LUZ,
EM SÃO PAULO



MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo 34-6488
 } interno 138

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO X

Maio/Junho de 1957

N.º 69

DIRETOR GERAL:— cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESPONSÁVEL E TESOUREIRO:— 1.º ten Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
SECRETÁRIO:— major Francisco Vieira da Fonseca
GERENTE:— Cap. Miguel M. Sendin

REDATORES :

— ten. cel. cap. P. A. Cavalheiro Freire — cap. Jorge Mesquita de Oliveira
— major Olímpio de O. Pimentel — cap. Felix de Barros Morgado
— cap. Plínio D. Monteiro — cap. Francisco Antonio Bianco Jr
— 1.º ten. Antonio Silva

ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado
— Nelson Coletti

FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 50,00
Número avulso Cr\$ 10,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

* A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sôbre cartolina ou papel branco forte.

* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sôbre a publicação.

* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- Desejamos estabelecer permuta
- Desejamos estabelecer el cambio
- Desideriamo stabilire cambio
- On désire établir échange
- We wish to establish exchange
- Austausch erwünscht



Um vôo que modificará seus hábitos de viagem

O primeiro vôo no Metropolitan - novo Super-Convair 440 da Real-Aerovias - será uma descoberta maravilhosa. Rápidamente o avião ganha altura... e você vê, pelas grandes janelas panorâmicas, paisagens e passam celeremente. Observe depois como o vôo do Metropolitan é sereno... note a precisão dos movimentos no ar. Nesse avião ultra-moderno, você viaja acima das zonas de turbulência na mais espaçosa cabine até hoje construída! Um perfeito sistema de pressurização mantém no interior da aeronave a pressão do nível do mar. Ar condicionado, grandes e macias poltronas e um serviço de hotel de



- Mais luxo e conforto a bordo
- 5.000 HP de força nos motores
- Piloto automático
- 52 lugares

**Vôe no Metropolitan, Super-Convair 440
o mais veloz bi-motor da atualidade!**

REAL

**NACIONAL
AEROVÍAS**

A maior
companhia brasileira
de aviação.

